MEMORIA

SOBRE A NECESSIDADE DE ABOLIR A INTRODUÇÃO

DOS

ESCRAVOS AFRICANOS NO BRASIL;

SOBRE O MODO E CONDIÇÕIS COM QUE ESTA ABOLIÇÃO SE DEVE FAZER;

E

SOBRE OS MEIOS DE REMEDIAR A FALTA DE BRAÇOS QUE ELA PODE OCASIONAR.

POR

JOÃO SEVERIANO MACIEL DA COSTA,

Do Conselho de Sua Magestade, natural da Cidade Mariana em Minas Gerais.

OFERECIDA

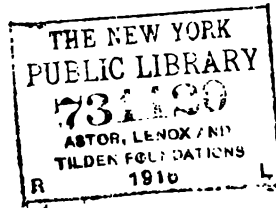
AOS

BRASILEIROS

SEUS COMPATRIOTAS.

COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1821.

. . . *Rien ne met plus près de la condition des bêtes que de voir toujours des hommes libres et de ne l'être pas. De telles gens sont des ennemis naturels de la société, et leur nombre serait dangereux.*

. . . *Le cri pour l'esclavage est donc le cri du luxe et de la volupté, et non pas celui de l'amour de la félicité publique.*

MONTESQUIEU, *Esprit des Lois* Liv. XV. Chap. 9. et 13. *De l'esclavage.*

Optandum erat quod in re adeo gravi convenirent quoquo modo inter se honestatis rationes et civiles.

PASCOAL JOSÉ DE MELO, *Instit. Jur. Civ. Lus.* Lib. II. Tit. 1.° §. 12. in Not. *de liberis et servis.*

ADVERTENCIA.

Esta Memoria esteve licenciada na tipografia do Rio de Janeiro desde 3 de Julho de 1820 até quasi Abril do corrente ano sem que lhe xegasse a sua vez. Esta advertencia é necessaria, porque mũitas coisas que nela se axão forão escritas com relação ao Brasil e ao estado das coisas então, as quais não foi possivel ao autor emendar. Os motivos que determinárão a composição delas subírão de quilate com a nova Organisação politica da Monarquia, porque, entre outras consideraçõis, basta lembrar que mal se póde casar uma Constituição livre com o trafico de comprar e vender homens, injurioso á humanidade. ¿E que materia mais digna da atenção do Soberano Congresso, na qual tanto vai da prosperidade e mesmo da segurança d'aquela parte tão importante desta vastissima Monarquia?

Naqueles tempos pareceu que nada se podia fazer de melhor. Os Conquistadores não vírão outra coisa senão a necessidade de aproveitar facil e prontamente os tesoiros imensos que oferecia prodigamente a natureza, e abraçárão avida e cegamente os meios de o conseguir.

Na verdade, se o Brasil não aspirasse a outra coisa mais do que a ser uma Feitoria da Europa, a cavar minas, e lavrar a terra, para enviar-lhe seus metais preciosos, e as materias primeiras para alimentarem sua industria e comercio, nada mais tinha que fazer do que aumentar o numero dos seus trabalhadores á proporção do consumo dos seus produtos, e isto até um ponto indefinido, conservando-se d'esta sorte na perpetua dependencia da industria Europeia.

Mas sendo o Brasil hoje uma Potencia, que ja grande, ainda na infancia, tem proporçõis para vir a ser um dos maiores Imperios da terra, não ha duvida que o sistema Colonial que lhe convinha até agora, não lhe convem mais, e que devemos seguir a marxa que a Politica nos ensina, para elevalo á prosperidade e grandeza que lhe marcou a Divina Providencia, a qual de certo não o dotou de tanta e tão variada riqueza, não o talhou de tantos e tão soberbos rios, não lhe abriu tantos, tão vastos e tão seguros portos, senão para desafiar a industria humana a cultivalo, e povoalo e desfrutalo. (1)

---

(1) O mundo parece com efeito o teatro preparado pela Divina Sabedoria com os despertadores necessarios para o homem desenvolver nele sua rasão e levar seu ente á perfectibilidade de que ele é capaz, aprendendo a tirar partido das coisas creadas e acomodalas aos seus usos, donde deve resultar um profundo reconhecimento aos beneficios do Senhor e Creador de tudo. A imaginação se confunde quando pretendemos reunir n'um quadro estreito toda a eistensão dos futuros destinos da America. Quando somente encaramos com o soberbo Ama-

Mas a este grande fim obsta essencialmente o sistema de trabalho por escravos, o qual ofende os direitos da humanidade, faz infeliz uma parte do genero humano, põe em perpetua guerra uns com os outros homens, e paralisa a industria, que nunca póde prosperar solidamente senão em mãos de gente livre. Ao que acresce o risco iminente e inevitavel que corre a segurança do Estado com a multiplicação indefinida d'uma população heterogenea, desligada de todo vinculo social, e por sua mesma natureza e condição, inimiga da classe livre.

Os Anglo-Americanos sentírão os inconvenientes d'esta população recrutada na Africa, e aproveitárão-se da sua revolução politica para embargarem o progresso d'ela; operação que rematárão com dificuldade, apesar das facilidades que lhes subministrava o seu sistema de colonisação mũito diferente do nosso; ainda assim vem-se mũitos escravos nas Provincias do Sul, onde ha o gosto de cultivar os generos *coloniais*, e eles vem bem. (1)

Os Inglezes fizerão o mesmo, ainda que mais tarde, nas suas Colonias, e forçárão aos Francezes e Holandezes a fa-

---

zonas, cortando quasi todo o Continente d'Este a Oueste, lavando terrenos tão preciosos em todo genero de riquezas naturais, não podemos crer que elle fosse destinado pelo Creador para somente acarretar e precipitar no Oceano as reliquias do Reino animal e vegetal. Parece provavel que o Perú esgotará por aquele grande vehiculo suas imensas riquezas para a Europa, e que até as mercadorias Asiaticas axarão por ali uma saida que o Istmo de Panamá lhes tem até hoje denegado.

(1) Mr. Bonnet estima os escravos das Provincias do Sul desde Maryland até os confins da Luïsiana em um milhão e duzentos mil — *Tableau des Etats-Unis de l'Amérique*. Paris, 1816 —; e apesar de todas as vigilancias ali se introduzem ainda por contrabando.

zerem outro tanto nas suas Colonias das Antilhas. De certo, por filantropia somente, estas duas Naçõis não deixarião de cultivar com escravos Africanos estas preciosas possessõis; mas Inglaterra quiz decididamente a eistinção d'esse sistema de trabalho, que dera nome á Martinica, Guadelupe, São Domingos e Surinam, e foi quanto bastou, empregando para isso a sua não equivoca preponderancia nas celebres convençõis com que se fexou a scena dos desastres, causados pela guerra da revolução.

Portugal estava em situação mũito diferente. Convindo no interesse de adotar o sistema de trabalho por braços livres, não podia convir na abolição imediata da introdução dos escravos sem preparo, e sem um praso arrasoado para tomar suas medidas, sob pena de arruinar a agricultura e comercio dos seus Estados. Assim, concedeu o mais que podia conceder, e zeloso de dar provas de humanidade e filantropia, materia com que Inglaterra involve a questão, prometeu tomar medidas para a abolição d'este comercio de homens, que ja ferira o coração do Soberano e de seus Ministros, conhecendo perfeitamente os inconvenientes d'ele.

Porem os Jornais Inglezes tem mais de uma vez anunciad que a epoca d'esta abolição total no Brasil está mũito procim e esta noticia inquieta os proprietarios, como temos observad uns, porque intendem que o sistema de cultura por escrav é o que nos convem eisclusivamente; outros, porque não v (dizem eles) os meios prontos de substituirem novos trab dores aos escravos. E' preciso desabusar uns, e animar ou

E por quanto prejuizos nacionais não se destroem c força, senão só com as luzes, e pareceu-nos que fari serviço ao Rei e á Patria em comunicar, por este mei

xega a todos, nossas fracas mas mũito sinceras refleçõis sobre a materia; emprehendemos este trabalho, piqueno em volume, mas fertil e grande em resultados, e bem capaz de dar que pensar aos homens intendidos e previstos, porque trata-se de sua sorte futura e de seus filhos, da segurança, aumento e prosperidade do nosso Imperio.

Não nos é possivel descermos a miudezas, como quereriamos e por ventura conviria, porque não nos sobra tempo para rascunhar obra volumosa: contentamo-nos por isso em dar ideias gerais, que abrão caminho a ulteriores indagaçõis a quem se resolver a ocupar-se de tão interessante materia.

Eisaqui a marxa que seguiremos no discurso: mostraremos 1.° que o comercio dos escravos, com quanto contrario á humanidade, não é tão horrivel como o pintão seus antagonistas: 2.° eisaminaremos que motivos terá Inglaterra para instar com tanto afinco na abolição universal d'ele: 3.° mostraremos que a introdução dos escravos Africanos, indefinida quanto ao numero d'eles e quanto ao tempo de sua duração, é contraria á segurança e prosperidade do Estado: 4.° diremos quando deverá verificar-se a abolição total da introdução dos mesmos, e analisaremos os efeitos que naturalmente se devem esperar d'ela: 5.° indicaremos os meios pelos quais se poderá manter o nosso trabalho agricola independente dos escravos Africanos: 6.° desinvolveremos sumariamente cadaum delles: 7.° decidiremos as duas questões; 1.ª se o trabalho agricola do Brasil é incompativel com as forças fisicas e constituição dos trabalhadores Europeus; 2.ª se a cultura e trabalhos feitos por escravos são mais lucrosos que por homens livres: 8.° diremos que providencias se darião sobre nossas possessõis Africanas.

zerem outro tanto nas suas Colonias das Antilhas. De certo, por filantropia somente, estas duas Naçõis não deixarião de cultivar com escravos Africanos estas preciosas possessõis; mas Inglaterra quiz decididamente a eistinção d'esse sistema de trabalho, que dera nome á Martinica, Guadelupe, São Domingos e Surinam, e foi quanto bastou, empregando para isso a sua não equivoca preponderancia nas celebres convençõis com que se fexou a scena dos desastres, causados pela guerra da revolução.

Portugal estava em situação mũito diferente. Convindo no interesse de adotar o sistema de trabalho por braços livres, não podia convir na abolição imediata da introdução dos escravos sem preparo, e sem um praso arrasoado para tomar suas medidas, sob pena de arruinar a agricultura e comercio dos seus Estados. Assim, concedeu o mais que podia conceder, e zeloso de dar provas de humanidade e filantropia, materia com que Inglaterra involve a questão, prometeu tomar medidas para a abolição d'este comercio de homens, que ja feríra o coração do Soberano e de seus Ministros, conhecendo perfeitamente os inconvenientes d'ele.

Porem os Jornais Inglezes tem mais de uma vez anunciado que a epoca d'esta abolição total no Brasil está mũito procima; e esta noticia inquieta os proprietarios, como temos observado; uns, porque intendem que o sistema de cultura por escravos é o que nos convem eisclusivamente; outros, porque não vem (dizem eles) os meios prontos de substituirem novos trabalhadores aos escravos. E' preciso desabusar uns, e animar outros.

E por quanto prejuizos nacionais não se destroem com a força, senão só com as luzes, e pareceu-nos que fariamos serviço ao Reí e á Patria em comunicar, por este meio que

xega a todos, nossas fracas mas mũito sinceras refleçõis sobre a materia; emprehendemos este trabalho, piqueno em volume, mas fertil e grande em resultados, e bem capaz de dar que pensar aos homens intendidos e previstos, porque trata-se de sua sorte futura e de seus filhos, da segurança, aumento e prosperidade do nosso Imperio.

Não nos é possivel descermos a miudezas, como quereriamos e por ventura conviria, porque não nos sobra tempo para rascunhar obra volumosa: contentamo-nos por isso em dar ideias gerais, que abrão caminho a ulteriores indagaçõis a quem se resolver a ocupar-se de tão interessante materia.

Eisaqui a marxa que seguiremos no discurso: mostraremos 1.° que o comercio dos escravos, com quanto contrario á humanidade, não é tão horrivel como o pintão seus antagonistas: 2.° eisaminaremos que motivos terá Inglaterra para instar com tanto afinco na abolição universal d'ele: 3.° mostraremos que a introdução dos escravos Africanos, indefinida quanto ao numero d'eles e quanto ao tempo de sua duração, é contraria á segurança e prosperidade do Estado: 4.° diremos quando deverá verificar-se a abolição total da introdução dos mesmos, e analisaremos os efeitos que naturalmente se devem esperar d'ela: 5.° indicaremos os meios pelos quais se poderá manter o nosso trabalho agricola independente dos escravos Africanos: 6.° desinvolveremos sumariamente cadaum delles: 7.° decidiremos as duas questões; 1.ª se o trabalho agricola do Brasil é incompativel com as forças fisicas e constituição dos trabalhadores Europeus; 2.ª se a cultura e trabalhos feitos por escravos são mais lucrosos que por homens livres: 8.° diremos que providencias se darião sobre nossas possessõis Africanas.

Esta simples enumeração de materias prova a importancia da obra digna da pena de tantos homens instruidos que possuimos. Sería para nôs uma não piquena recompensa deste insignificante trabalho, se ele fosse capaz de tiralos a terreiro para nos comunicarem suas ideias e arbitrios n'este ponto interessante, no qual são indispensaveis socorros de eisperiencia e prudencia de mũitos. E' um tributo, e bem lisonjeiro, que pagão os homens de bem, que cultivárão seu espirito, ao Serviço do Rei e da Patria.

Confessamos ingenuamente que é este o motivo que nos animou a pegar na pena, e não o desejo de gloria literaria; sabemos que ele é nobre e louvavel, como capaz de esporear o homem a grandes e arduas emprezas literarias em proveito da sociedade, mas nem essa gloria se adquire a tão piqueno custo, nem foi esse o primeiro movimento do nosso coração quando, em conversaçõis familiares, observámos que a opinião quasi geral, mesmo de gente instruida, dissentia absolutamente da nossa. ¿ Porque razão (eisclamava ja n'outro tempo um Filosofo) se hão-de atribuir todas as produçõis literarias a um esteril amor da gloria eisclusivamente? ¿ O amor da humanidade não é tãobem uma paixão dominante no coração do homem bem educado? ¿ Não é ele bem capaz de eiscitar o homem a refletir e a comunicar o fruto de suas lucubraçõis? ¿ O doce praser e satisfação de ser util a seus similhantes não pésa incomparavelmente mais na balança da rasão do que esse esteril amor de sobresaír em conhecimentos e instrução?

§. 1.º

O comercio dos escravos, com quanto contrario á humanidade, não é tão horrivel como o figurão os seus antagonistas.

COmprar e vender homens ofende sem duvida a humanidade, porque os homens nascem livres. ¿ Mas que argumento se póde tirar daqui? Nós sabemos, pela historia, que de todo tempo eles abusárão d'essa liberdade original, e até com ella traficárão. ¡ Tais são as fraquezas, miserias e calamidades a que eles estão sujeitos sobre a terra!

Nação houve que, intendendo que uma parte dos homens nasce para servir a outra, fez entrar a escravidão na sua organisação politica: Outra, intendendo que a liberdade era a moeda equivalente ao valor da vida, e que a vitoria lhe dava direito á dos vencidos, fazia com eles essa comutação: Tal intendeu que o homem podia fazer parte d'um predio cultivado como os animais de trabalho, e admitiu os servos adidos á terra — *adscripti glebae* —: Estoutra, intendendo que o homem póde alienar temporariamente sua liberdade, paga as despezas de transporte aos emigrados d'outros paizes, faz certos avanços, e tem-nos como hipotecados até o resgate. Isto quanto ao mundo civilisado, porque no resto, e como na Africa mesmo, tudo são horrores, e a escravidão tem o lugar de humanidade. ¿ Que mũito pois que os barbaros e ferozes Africanos sejão transplantados de seus areais ardentes para o belo clima do Brasil, e ahi empregados no suave trabalho da agricultura? Parece-nos que a questão devia reduzir-se a saber, se eles perdem ou ganhão na transplantação.

Os antagonistas d'este comercio eisagerão os males dos Africanos na America, e atenuão os que eles sofrem na Africa; até pretendem que a venda d'eles aos estrangeiros é a causa das guerras que se fazem mutuamente os Regulos para a pilhagem d'homens com que alimentem o comercio eisterior.

O estudo imparcial das obras d'uns e d'outros, e nossa propria eisperiencia, nos decidem a sustentar 1.° que o estado dos Africanos em sua triste patria (se é que este nome merece) é horrivel, porque vivendo sem asilo seguro, sem moral, sem leis, em continua guerra, e guerra de barbaros, vegetão quasi sem elevação sensivel acima dos irracionais, sofrem cruel cativeiro, e são vitimas dos caprixos dos seus Despotas, a a quem pagão com a vida as mais ligeiras faltas.

2.° Que podendo ser que algumas vezes, e em alguns lugares, o comercio com os estrangeiros estimule os Regulos á maior pilhagem d'homens para venderem, é com tudo de notoriedade historica que a Africa ardeu sempre em guerras de eisterminação e horrores, mesmo em pontos do territorio onde o comercio com estrangeiros é impossivel. Sabe-se mais que a facilidade de eisportar os cativos feitos nas guerras tem evitado uma horrivel carniçaria humana, porque sendo elas ordinariamente feitas por amor da segurança reciproca, o assassinato dos vencidos é de necessidade.

3.° Que sendo inegavel que alguns Senhores maltratão seus escravos, tãobem o é que as leis os punem por eiscessos criminosos; que esses fatos perdem-se na grande maioridade dos que praticão tantos outros Senhores em favor dos seus escravos, tratando-os como homens, e olhando para eles como para uma parte principal de suas fortunas, que ninguem é tão desatinado que deseje arruinar e perder.

4.° Que por toda parte os grandes proprietarios que tem estabelecimentos regulares, como os Senhores de Engenho, nutrem, vestem, curão das infermidades seus escravos; não os obrigão a trabalhos superiores a suas forças; dão-lhes folgas para seus divertimentos, e até, conduzindo-se eles bem, os recompensão com a liberdade, e os ajudão depois a viver.

5.° Que os escravos são instruidos nos deveres da Religião quanto permite sua capacidade, e que mũitos se axão, entre elles, tementes a Deus, inclinados ao bem, obedientes e afeiçoados a seus Senhores. (1)

¿ A' vista disto, em que distancia estão ja os Africanos, transplantados ao Brasil, da barbaridade em que vivem na Africa? Louvemos pois mũito embora o zelo dos amigos da humanidade, que abrasados no fogo d'ela, tem advogado esta causa tão energicamente; mas eles nos perdoem se dissermos que tem visto os males do cativeiro dos Africanos na America por vidros de engrossar, e se sustentamos que a introdução d'eles deve ainda durar algum tempo entre nós por amor da causa publica. (2)

Oferece-se aqui naturalmente ao espirito o indagar que grandes motivos impelem o Governo Britanico não só a advogar a abolição universal do comercio dos escravos, senão a

(1) Não tomaremos sobre nós a apologia dos Holandezes, aos quaes se atribúem atrocidades contra os escravos. Não sabemos tãobem até que ponto merecem credito essas acusaçõis, tendo ja piquena confiança em relaçõis de viajantes.

(2) Todo mundo sabe que o Abade Raynal tinha interesses no comercio dos escravos Africanos que fazião as casas de D... de Nantes, e de Sollier de Marselha. — Noticias deste genero são o melhor preservativo que se póde aplicar a moços ineispertos contra o veneno oculto nas fogosas e patéticas declamaçõis de Autores incendiarios, como o Abade Raynal.

pretender obrigar Principes Soberanos a consentirem prontamente n'ela. Este eisame fará o objeto do paragrafo seguinte.

§. 2.°

Que motivos terá o Governo Britanico para instar com tanto afinco pela abolição universal do comercio dos escravos Africanos.

¿ SErá mera filantropia, um puro e desinteresado desejo de ver feliz o imenso povo Africano? Póde ser. O Governo Inglez tem mais perto de si um belo teatro para eisercitar a filantropia, e não eisercita. A Irlanda geme e clama, diga cadaum o que quizer da justiça das condiçõis que lhe propõe Inglaterra; e os povos da India não são filantropicamente governados, se merecem credito seus mesmos Escritores.

Mũitos motivos de interesse podem descobrir-se no projeto da abolição do comercio dos escravos pelo qual tanto insta Inglaterra.

Todo mundo sabe a que ponto de prosperidade xegou a agricultura das Antilhas em mãos dos Francezes e Holandezes, que deu nome e celebridade á Martinica, Guadelupe, S. Domingos e Surinam, cujas produçõis fazião uma concurrencia ruinosa para os generos da mesma natureza tirados da India pelos Inglezes, donde resultava preponderancia comercial em favor das duas Naçõis, e facilidade de formarem uma formidavel Marinha de Guerra (que acompanha sempre a prosperidade da Mercante), a qual em mãos d'aquelas duas Naçõis rivaes e industriosas não podia deixar de inquietar os Inglezes, que pretendem dominar eisclusivamente em todos

os mares. Arruinar pois a agricultura das Antilhas em mãos estrangeiras era para Inglaterra um objeto essencial; tirar-lhe os braços, o meio fundamental: isso obteve. Verdade é que ela deu o eisemplo em suas Colonias; com ele pòde argumentar, e não sem força, porque todo mundo sabe que uma tal mudança, e tão rapida, não podia fazer-se sem grandes sacrificios; e Inglaterra os fez. (1)

Alem disto, não é ja um segredo que Inglaterra pretende colonisar a Africa, e por um modo tão liberal, que provavelmente será obrigada a mudalo, como improprio para povos barbaros, que é preciso conduzir ao estado de civilisação por meios insensiveis e graduais. D'esta sorte abre o Governo Inglez e prepara novos mercados á industria nacional, os quais não podem deixar de ser infinitamente lucrativos em um paiz que principia, de tudo carecente, e de cujo trabalho podem tirar imensas materias primeiras para alimentarem sua industria os Inglezes fabricantes. Esta operação politica insta tanto mais, por isso que as Naçõis Europeias, dando uma fortissima impulsão progressiva á sua industria, consomem hoje muito menos os produtos da Ingleza. Ora, o plano da colonisação da Africa é essencialmente contrariado pela continuação do comercio dos escravos com o qual estão engodados os Regulos Africanos.

Não é menos presumivel que no seu plano de dominio universal sobre o mar, o Governo Britanico procure estabelecer-se solidamente nas Costas Africanas do Atlantico, para fexar o circulo dentro do qual devem mover-se as numerosas

---

(1) Quem quizer ver bem desenvolvido o plano do Governo Britanico a este respeito, póde ler o Tratado de Economia politica e Comercio das Colonias de Mr. P. F. Page, obra rica em averiguaçõis miudas e profundas.

Esquadras que tem, capazes de avassalarem o mundo inteiro! Assim vemos que ela tem no mar do Norte Helgoland; no Norte da America o Canadá e outras possessões consideraveis; no Golfo do Mexico os pontos os mais importantes; Demerary e Berbice no Continente; no Mediterraneo Gibraltar e Malta que dominão o comercio do Levante; Santa Helena, Serra Leòa, Cabo da Bòa Esperança, e a Ilha de França, xave do comercio da India; n'ela um Imperio imenso; no Grande Oceano os melhores pontos, indispensaveis para entreter o comercio oriental com o Perú, o Mexico etc.; e só lhe falta um ponto na embocadura do Rio da Prata, que é e ha-de vir a ser o vehiculo de imensa riqueza. (1)

Póde mesmo ser que Inglaterra não veja sem receio crear-se, com o aumento da nossa agricultura, uma grande Marinha Mercante, e apòs d'ela a de Guerra correspondente, e isto tão rapidamente como póde ser igualmente rapido esse aumento da agricultura com uma introdução de braços Africanos indefinida, e com a impulsão progressiva que deu ao Brasil a Presença do nosso Augusto Soberano, Pai da Patria e Protetor da industria. O Gabinete Britanico é mũito previsto, e sabe preparar ou acautelar os successos mũito d'antemão. O Atlantico guardado, em toda sua eistensão do Norte ao Sul, pelos dois grandes Imperios Anglo-Americano e Brasileiro cujas costas banha, talvez não queira reconhecer em seu seio vastissimo Soberania eisclusiva a nenhuma Nação Europeia.

Se devemos crer a historia do tempo, sabe-se que os homens de bem, ha mũito, fazem votos pela abolição do

---

(1) Houve muito quem pensasse que a esse fim se destinava a Esquadra contra Buenos-Ayres comandada pelo General Whitclocke, cuja força de desembarque pereceu no ataque dirijido por Lord Beresford.

comercio de escravos Africanos ; mas nem os bons desejos, nem os clamores da filosofia e da Religião, puderão sufocar o amor do lucro que dos braços d'eles percebião as Naçõis da Europa ; e nem o negocio da abolição estaria tão avançado, se não fòra a subversão total que sofreu aquela parte do mundo politico com a espantosa revolução que acaba de a assolar.

Sabemos tãobem que os primeiros traços para a eisecução d'este grande projeto devem-se ao genio vasto, sublime e previsto do imortal Pitt, varão merecedor do reconhecimento da Nação Ingleza, no seu arduo e glorioso Ministerio. Pitt previu qual sería, mais tarde mais cedo, a sorte das Colonias trabalhadas por escravos; conheceu quam precarios erão os beneficios que d'elas se tiravão por esse sistema de trabalho, em comparação dos que nascem do trabalho d'uma população livre, ainda que mais tardios ; e seguro em seus calculos e combinaçõis politicas, não hesitou em sacrificar as Colonias atuais á futura prosperidade do Imperio Britanico, proclamando a abolição do comercio dos escravos, e defendendo a introdução d'elles ; d'onde resulta que adorado na Europa por seus Compatriotas, era este grande Ministro detestado pelos proprietarios das Colonias. Voltou então seus olhos penetrantes para o Continente Africano, e a colonisação e civilisação d'ele oferecèrão á sua brilhante imaginação um quadro magnifico de interesses ao comercio, e de gloria para a Nação, mũito acima d'esses interesses coloniais sacrificados.

Eisaqui o que sabemos. Seja porem o que fòr, se entra sinceramente nos planos de Inglaterra colonisar a Africa, o projeto é grande, é nobre, é digno d'uma grande Nação. Com efeito, tantos milhões d'homens ganhados para a Religião e para a brilhante sociedade das Naçõis civilisadas, é uma em-

preza que dilata, e faz trasbordar de praser o coração dos sinceros amigos da humanidade. Se é cobiça, se é ambição de riquezas; feliz cobiça, feliz ambição, (diriamos nós) que sabem combinar com os meios de se satisfazerem, o bem e felicidade do genero humano!! ¡Que bela, que nova tatica a de conquistar Naçõis barbaras para a civilisação com o engòdo do comercio: e de saber assim aproveitar as riquezas de todo mundo!! ¡Que rios de sangue e lagrimas se terião poupado á especie humana, se os Conquistadores que senhoreárão Africa, Asia e America, se tivessem limitado ao comercio!!

Fazendo agora aplicação do eisposto á nossa situação, parece-nos que, pondo de parte a perscrutação dos verdadeiros motivos que impelem a Nação Ingleza a trabalhar com tanta ancia para concluir a abolição do comercio dos escravos, devemos ocupar-nos em eisaminar se esta abolição convem ou não ao nosso territorio, para tomarmos com tempo e sizudamente as medidas adequadas. A boa Politica nos ensina que não podendo um Estado dirijir, e comandar os sucessos á sua vontade, deve procurar tirar d'eles o melhor partido possivel.

Nós intendemos, e ousamos sustentar que a introdução de escravos Africanos no Brasil, indefinida quanto ao numero d'eles e quanto ao tempo de sua duração, é contraria á segurança do Estado, e á sua prosperidade; e que, independente das solicitaçõis do Governo Britanico, deveriamos nós mesmos procurar evitar. Eis a materia do paragrafo seguinte.

§. 3.°

A introdução dos escravos Africanos, indefinida quanto ao numero deles e quanto ao tempo de sua duração, é contraria á segurança e prosperidade do Estado.

QUem olhar superficialmente para este imenso territorio ja descortinado e trabalhado; műitas e grandes Vilas fundadas; rios navegaveis frequentados; outros em vesperas de o serem; uma grande agricultura propagada; ricos tesoiros roubados á terra; e emfim um movimento de vida social difundido em todo o Imperio, que promete um desenvolvimento incalculavel; e souber que todo este imenso trabalho foi feito pelos braços Africanos; será tentado a concluir que a indefinida multiplicação deles é indispensavel, não só util.

Mas quem conhece a marxa natural da prosperidade dos Imperios; quais são as bases solidas da sua riqueza e força; como na complicada maquina da sociedade civil tudo é ligado e combinado; pensa d'outra sorte, e através d'essa prosperidade superficial e enganadora descobre um vicio radical, cujos estragos, ainda que retardados por circunstancias particulares, nem por isso deixarão de aparecer mais tarde, e talvez por isso mesmo fação a catastrofe mais horrivel.

A verdadeira população, a que faz a solida grandeza e força d'um Imperio, não consiste em manadas de escravos negros, barbaros por nascimento, educação e genero de vida, sem pessoa civil, sem propriedade, sem interesses nem relaçõis sociais, conduzidos unicamente pelo medo do castigo, e

por sua mesma condição inimigos dos brancos; mas sim em grande massa de Cidadãos, interessados na conservação do Estado e prosperidade nacional, e nascidos da propagação patria, favorecida por Leis sabias e justas, e por um Governo paternal.

Ha n'um Imperio, desde a xarrúa até o Trono, uma cadeia bem tecida de Cidadãos de diferentes classes e condiçõis, os quais, trabalhando, para assim dizer, cadaũm na sua esfera, concorrem insensivelmente, e quasi sem o saberem, para o bem geral.

O Lavrador tira da terra o sustento para si e para os outros; colhe as materias primeiras que passa aos Artifices; estes as amoldão aos usos sociais, e dão-lhes novo valor; o Comerciante mete estes produtos em circulação, transporta-os d'umas para outras Provincias, e mesmo aos paizes estrangeiros, d'onde nos traz o que d'eles precisamos; o Sabio estuda a natureza, furta-lhe os segredos preciosos com que facilita e aperfeiçoa os trabalhos, e produz primores da arte; o Soldado defende o Estado e a Patria contra os inimigos que pretendem oprimila ou perturbala; o Eclesiastico ensina e pratíca a Religião, unica base solida da Moral; o Magistrado dirime as contendas que as paixões elevão entre seus Concidadãos; a Nobreza rodeia o Trono, habilita-se por uma educação conveniente para servir na paz e na guerra, para derramar o sangue pelo Soberano, e dar aos piquenos os mais brilhantes eisemplos d'amor e fidelidade pela sua Sagrada Pessoa. Todos são ligados pelo interesse comum, só os escravos são desligados de todo vinculo social, e por consequencia perigosos.

Em todas as Naçõis civilisadas é a classe do povo quem forma a grande maioridade de individuos, e é por consequencia

n'essa classe que reside a força fisica nacional, e é d'ela que se tirão os defensores da patria. No Brasil, por efeito do maldito sistema de trabalho por escravos, a população é composta de maneira, que não ha uma classe que constitua verdadeiramente o que se xama povo; e este defeito deve infalivelmente influir mūito no metodo de governo. O Clero que é bem composto, não goza todavia da consideração politica necessaria. A Nobresa, que é pouca, está no mesmo caso; de sorte que não vemos outra população senão a dos individuos que compõem a classe media entre a Nobreza e o povo, como são os empregados nos diferentes ramos do serviço publico, os ocupados no comercio, os proprietarios que desfrutão seus rendimentos, e todos os que se aplicão ao estudo das sciencias e artes: o resto que devia corresponder ao baixo povo, é uma enorme massa de negros escravos e de libertos, que fazem ordinariamente causa comum entre si. Com tal população, o estado não tem um apòio contra os devarîos da classe media, a quem dão calor fortunas e instrução, e todo o Corpo social está á discrição d'aquela em que reside a força fisica. Roma teve que combater dez vezes seus escravos (que ao menos tinhão outra civilisação e costumes) e venceu; S. Domingos sucumbiu. « Dai-me um mapa eisato da população dos paizes trabalhados por escravos Africanos, diz Mr. de Pradt, e eu vos marcarei sem erro sensivel, o dia em que eles sacudirão o jugo. » Em quanto a população estiver semeada a grandes distancias n'um vasto territorio, o mal será paleado; mas com a introdução indefinida dos Africanos, esta situação muda, e o raio nos ameaça perpendicularmente sobre a cabeça.

Se a população livre cresce, cresce tãobem a dos escravos, e sempre n'uma proporção desventajosa: porque 1.° cada ho-

mem livre não póde dispensar ao menos um escravo, e os que se ocupão d'agricultura e d'outros trabalhos lucrativos, possuem centenas: 2.° porque a classe livre aumenta-se pelo meio lento da propagação, e os escravos recrutão-se por milhares nas Costas d'Africa. Assim vemos que a proporção, em S. Domingos, era de 25ȹ000 brancos contra 500ȹ000 escravos; na Guyana Franceza, onde a introdução d'eles sempre foi minguadissima, é de 907 contra 11ȹ791; e do Brasil sabemos, que em 1798 os brancos erão 800ȹ000 e os escravos 1:500ȹ000. Este calculo não pode ser eisato quanto ao Brasil, pois sabe todo mundo que os meios por que se fazem tais recenseamentos são mũito faliveis. (1) Hoje depois da passagem da Còrte para o Rio de Janeiro, póde-se calcular o numero dos brancos em um milhão, e o dos escravos em mais de dois. Ora, supondo que a população cresceria somente n'esta mesma proporção, (o que não é provavel vista a impulsão que tem recebido a industria n'estes ultimos anos) assim mesmo veria-

(1) O nosso respeitavel Sabio o Sr. José Correia da Serra citado pelo Barão de Humboldt, foi quem comunicou este calculo, fundado no recenseamento d'aquele ano que não se publicou. O Sr. Dr. Francisco Pereira Santa Apolonia, natural de Minas Gerais, Chantre na Catedral de Mariana, varão benemerito pelo seu saber, e solicito investigador das coisas da Patria, comunicou-nos um mapa statistico circunstanciado e bem fundamentado, onde a população geral do Brasil é elevada a 3:250ȹ000 habitantes, a saber:

Brancos . . .	1:010ȹ000
Indios	250ȹ000
Libertos . . .	406ȹ000
Pardos escravos .	221ȹ000
Negros escravos .	1:361ȹ000
Total .	3:250ȹ000

O calculo de 1798 não comprehende senão brancos e negros. Podem-se conciliar um com o outro.

mos, em breve, a Africa transplantada para o Brasil, e a classe escrava nos termos da mais decidida preponderancia. ¿ Que faremos pois nós desta maioridade de população heterogenea, incompativel com os brancos, antes inimiga declarada?

Se felizes circunstancias tem até agora afastado das nossas raias a empestada atmosfera que derramou ideias contagiosas de liberdade e quimerica igualdade nas cabeças dos Africanos das Colonias Francezas, que as abrasárão e perdêrão, ¿ estaremos nós inteira e eficazmente preservados? Não. Os energumenos filantrópos não se eistinguírão ainda; e uma récova de perdidos e insensatos, vomitados pelo Inferno, não axão outro meio de matar a fome senão vendendo blasfemias em moral e politica, despresadas pelos homens de bem e instruidos, mas talvez aplaudidas pelo povo ignorante.

Todavia não é isto o que por ora nos assusta mais. Um contagio de ideias falsas e perigosas não ganha tão rapidamente os individuos do baixo povo, que uma boa Policia lhe não possa opor corretivos poderosos; mas o que parece de dificilimo remedio é uma insurreição subita, assoprada por um inimigo estrangeiro e poderoso, estabelecido em nossas fronteiras, e com um pendão de liberdade arvorado ante suas linhas. Este receio não é quimerico, pois que a eisperiencia nos acaba de desenganar que o xamado Direito das Gentes é um Protèo que toma as fórmas que lhe querem dar, e serve unicamente para quebrar a cabeça dos homens de letras. (1) Quando acontecer um tal desastre, ¿ de que nos servirão as nossas

(1) Principalmente depois da guerra de 1740, tempo em que a Politica rompeu inteiramente com os principios da Moral, e o Mundo civilisado principiou a ver os maiores escandalos politicos.

forças militares? ¿Que resistencia faremos ao inimigo eisterior, estando a braços com o interior, e composto de escravos barbaros e ferozes? Um grande Imperio, com este lado tão fraco, será na verdade a Estatua de Nabucodonosòr de pés d'argila.

Não passaremos revista aos horrores praticados nas Colonias Francezas, pois que o coração se furta a isso, e andão livros xeios, escritos com lagrimas. Recolha porem o Leitor todas as suas forças, e se é que póde encarar com tal espetaculo, contemple a Ilha de São Domingos, primor da cultura colonial, a joia preciosa das Antilhas, fumando ainda com o sacrificio de vitimas humanas e inocentes.... Observe sem lagrimas, se póde, dois Tronos levantados sobre os ossos de Senhores legitimos para servirem de recompensa aos Vingadores de Toussaint Louverture.... (1) Contemple a sangue frio, se póde, a aprasivel Barbadas inda cuberta de luto e ensanguentada com a catastrofe eiscitada por escravos....

Estas quatro linhas que de proposito não adiantamos mais, por ser materia esta que tem lugar mais proprio em nossos coraçõis que nos escritos, decidem, a nosso vèr, a questão terminantemente, e devem merecer a mais seria atenção aos habitantes do Brasil. Todas as outras consideraçõis são subordinadas a esta, e não podem emparelhar com ela.

Corramos pois véo a esta scena de horror, e passemos a ocupar-nos de outros argumentos, os quais ainda que de grande importancia tãobem, não abafão todavia o espirito

---

(1) Não é sem indignação que os homens de bem observão a imoralidade com que as Naçõis, que podião dar fim a um tal escandalo, não só o não fazem, mas até protejem aqueles Barbaros, que vão creando um novo Argel n'aquele Golfo. Eisaqui o que se xama Politica modernamente.

com tão medonhas sombras. Nós vamos eisaminar se a nossa industria póde prosperar, quanto convem, em mãos de escravos.

A rasão e eisperiencia conspirão a provar que a devemos confiar a braços livres, porque nenhum grande aperfeiçoamento se póde esperar de homens, que trabalhando para seus Senhores, forçados, descontentes, e sem emulação, procurão unicamente fazer quanto baste para evitar o castigo, e com o menor incomodo pessoal possivel. O corpo póde ser dominado, não a vontade; e onde esta falta, morre a industria. A força póde obrigar o escravo ao trabalho, mas a vontade não admite coação, e desgraçadamente os meios com que a dos homens livres se estimula, são inaplicaveis aos escravos. Sabemos mesmo por eisperiencia que os da Africa são destituidos de talento; no que são inferiores aos nossos Indios, que tem provada habilidade para officios mecanicos. (1)

O pior de tudo é que o trabalho industrial, relegado na classe dos escravos, se aviltará aos olhos da multidão, e por isso a classe livre o detestará, como acontece ja entre nós com o trabalho agricola, que na opinião geral, é só para escravos. « O trabalho, (eisclama Herrenschwand justamente apaixonado) este amigo do homem, este bemfeitor da humanidade e da sociedade civil, este presente do Céo, mescabado entre os homens!!!» (2) ¿ E que esperança podemos ter de que

---

(1) O que dizemos da falta de talentos dos Africanos não é porque lhes atribuamos uma organisação inferior á dos Europeus e mais Naçõis, como alguns tem avançado, mas julgamos ser efeito de causas morais que os modificão tanto na Africa como nos paizes para onde são vendidos.

(2) A sciencia Economico-politica nascente e tratada sem metodo até Herrenschwand axou n'ele um Geometra. Conhecemos d'ele — *Discours fondamental*

prospere a industria em um paiz onde o trabalho, alma d'ela e de toda riqueza, é infamante e indecoroso?

A historia dos progressos da industria nos tempos feudais mostra bem claramente que a condição servil dos homens lhe opõe grandes barreiras; ora, a condição dos Africanos entre nós é mũito pior, porque está no ultimo grau da escala da servidão. Os homens instruidos desejarão ver animado o trabalho no nosso Imperio pelo brio, pela emulação, pelo honesto interesse, não pelo castigo corporal, que é a mola que move os escravos. ¿Quem poderá preferir aos motivos morais que animão o povo industrioso de Inglaterra, os vergalhos que fazem trabalhar os cativos em Argel?

Nem se diga que o Brasil não deve ocupar-se tão cedo de industria, antes deve ser ainda mũito tempo puramente agricola, com o fundamento de não estar ainda a agricultura generalisada em todo seu imenso territorio, e de estarmos nós

---

sur la population — *Economie politique et moral de l'espèce humaine* — *Adresse aux vrais hommes de bien* — *Discours sur le commerce extérieur* — *Discours sur la division des terres.* — Em todos estes escritos é admiravel a precisão e ligação de ideias e principios, e como tais, apesar da apaixonada censura do — *Critical Review* — são citados com respeito por Mrs. Ganilh, Arnould e outros. Seu estilo é arido e fatigante, como ele mesmo reconhece, pela natureza do metodo matematico. Arrastado pela força do sistema, não viu as ventajens do comercio eisterior, e concluiu dando preferencia quasi eisclusiva ao interior, o que é erro grave, e com tudo não destroe o merecimento de suas obras. Persuadido que axára um nexo necessario entre a Economia-politica, como elle a concebe, e os destinos do homem sobre a terra, tomou o tom d'um inspirado que vem anunciar verdades superiores á capacidade comum dos homens, o que lhe eiscitou censuras justas, e ele buscou evitar, por conselho d'amigos, na Obra — *Adresse aux vrais hommes de bien.* — Não se tome por afetação o fazermos e darmos nosso juizo sobre os diferentes autores, porque a mocidade ganha nisso; um homem lido, falando do mesmo Herrenschwand, nos disse que era confuso e sem metodo.

ainda tão atrasados em conhecimentos, que não poderemos produzir generos industriais nem tão bons, nem tão baratos como os estrangeiros, sendo por isso mais proficuo compralos do que fabricalos.

Nós pensamos d'outra sorte. Uma analise miuda da marxa da riqueza nos Estados modernos sería o meio de destruir solidamente uma doutrina tão perigosa; mas não cabendo ela nos limites d'este papel, contentar-nos-hemos com ideias gerais, resultado da analise, que é quanto basta para os imbuidos nos principios da sciencia economica.

Primeiramente, querer separar a prosperidade da agricultura da da industria, no sistema atual das Naçõis civilisadas; é um engano palpavel. Uma grande Nação puramente agricola, e por consequencia escrava d'outras mais avançadas no que toca á industria, é um ente imaginario; porque não póde haver solida grandeza sem industria e comercio; e por toda parte onde a agricultura não for apoiada e sustentada por uma industria proporcionada e progressiva, será sempre mesquinha e precaria; e as Naçõis que se derem eisclusivamente a ela, não avançarão, nem em riqueza, nem em força, nem em civilisação. Baste para eisemplo a desgraçada Polonia, que parece ter perdido para sempre sua liberdade e independencia politica.

¿ E que outra coisa é a agricultura mesma, isto é, a que merece este nome, senão uma filha da industria e civilisação? (1) Por tanto o meio solido e eficaz de protejer a

---

(1) *Après ce qu'on appelle les beaux-arts et les professions libérales, il n'y a peut-être pas d'emploi qui exige une aussi grande variété de connaissances et autant d'expérience;* diz Smith, que é grande autoridade na materia. Este Genio Creador, que aprendendo na Escola dos Economistas Francezes, pòde elevar-se acima deles, combater e refutar os principios fundamentaes de seu

à agricultura é protejer a industria; não ha que separar uma da outra. ¿ Quereis um paiz cultivado? dai-lhe fábricas, que val tanto como dizer, dai consumidores numerosos e certos aos produtos da sua agricultura. Com este metodo se grangeião, cultivão e povoão estereis xarnecas e aridas montanhas.

Pretender pois que uma Nação principiante se ocupe, ao principio, da agricultura eisclusivamente, e que se não divirta para a industria senão quando o ultimo canto do seu territorio se axar cultivado, e a cultura levada á maior perfeição, é correr apòs d'uma quimera; é supor causa aquilo que não é senão efeito; é ignorar a marxa natural da riqueza e prosperidade das Naçõis modernas. Isto são principios elementares.

Verdade é, que, a respeito do Brasil, concebe-se muito bem que aumentando-se indefinidamente o numero de braços pelo meio forçado, iniquo e impolitico da introdução dos escravos Africanos, a cultura dos generos xamados coloniais, que alimentão o comercio eisterior, póde ser levada a uma eistensão tãobem indefinida; ¿ mas será por ventura essa a a prosperidade agricola que nos convem? ¿ Estará ella solidamente fundada nos braços d'uma tal população? ¿ Serão os estrangeiros os unicos consumidores que devemos dar-lhe? ¿ Uma guerra, ou qualquer mudança na economia das Naçõis consumidoras dos nossos produtos não poderão arruinar subitamente a nossa cultura? ¿ Uma indefinida população Africana ocupada em cultivar assucar, algodão, café, cacau etc. etc.

---

sistema, não ousa separar os solidos progressos da agricultura do indispensavel apoio da industria e do comercio. Enganou-se quando afirmou que os capitais empregados na agricultura dão maiores beneficios; assim como se engana em outros muitos pontos de doutrina. Nada porem fará esquecer os assinalados serviços que lhe deve a Sciencia Economico-politica. *Facile est inventis addere*,

em um paiz imenso e fertilissimo, não produzirá em fim uma tal quantidade d'esses generos, que inundados os mercados da Europa, haja uma consideravel depreciação? ¿Não seremos então forçados a procurar uma nova direção aos capitais e trabalhos nacionais, e por meio de sacrificios e desordens que acarreta infalivelmente um tal estado de coisas? (1)

Não é por tanto *da* situação forçada, e com o sistema ruinoso e impolitico de trabalho por escravos adotado no Brasil, que se deve argumentar contra os principios gerais, e reconhecidos e eisperimentados da Sciencia; pelo contrario são eles os que nos devem arrumar para buscarmos os meios e modos de emendar sua situação atual, embaraçada e precaria: vestilo á Europeia, para assim nos eisplicarmos, e modelar sua marxa economica pela das Naçõis cultas, salvo o desconto das localidades, deve ser nosso empenho e disvelo. Pretender hoje reduzir um povo inteiro ao maneio da xarrúa, (apezar da doce influencia que se atribue ao trabalho agricola na moral dos homens) é sistema errado; ao contrario, tirar da terra o maior produto possivel com o menor numero de braços possivel, é o grande problema pratico da Sciencia economica. A industriosa e soberba Inglaterra póde servir-nos de modelo n'este, como em outros mũitos generos, dados tãobem os descontos que pede sua particular situação.

---

(1) Agora mesmo acontece muitas vezes axarem-se os mercados da Europa tão obstruidos, que todos os generos do Brasil ali enviados não só não dão lucro, mas até dão perda. ¿A imensa quantidade d'assucar e algodão da India não faz ja uma terrivel concurrencia na Europa contra os produtos Americanos do mesmo genero? ¿E que será quando Caracas e Provincias adjacentes principiarem a trabalhar de veras? ¿Que diremos dos Estados-Unidos? Em 1803 eisportárão eles d'algodão indigena 37,712,079 libras. (Mr. Gallatin Ministro de Finanças.)

Não somos tãobem d'opinião que prefiramos comprar os produtos de manufaturas estrangeiras a fabricalos nós mesmos, pela rasão de nos faltarem os meios de obtelos tão bons e tão baratos.

¿ Pois por isso que nos faltão as facilidades para obter a mesma qualidade e barateza, devemos cruzar os braços, e submeter muito resignadamente nossa perfectibilidade á dependencia das Nações mais avançadas? Sería um conselho tal bem digno d'um Fabricante Inglez. Nós dariamos outro mais Portuguez, e vem a ser: que por isso que nos faltão os meios de rivalisar com os estrangeiros na bondade e barateza dos produtos industriais, devemos empregar os maiores esforços e sacrificios para conseguilo. — Nem conhecemos eisceção nenhuma a esta regra senão quando o solo patrio se negar de tal sorte á creação dos produtos que pretendemos aproveitar, que as despezas para obtelos eiscedão, sem esperança de melhoramento, os beneficios que d'eles se possão esperar. (1)

A rasão fundamental desta doutrina é evidentissima, e nos parece que póde cifrar-se em poucas palavras: é porque 1.º não póde ser indiferente para o bem da população, riqueza e civilisação nacionais, que paguemos a estrangeiros, ainda mesmo com os produtos da nossa agricultura, os salarios e beneficios industriais que podião ficar em mãos dos nossos Compatriotas: 2.º porque ha uma suma desigualdade de interesses em fornecer materias brutas para recebelas manufaturadas. As primeiras conservão um preço quasi constante e dão por consequencia um proveito estacionario e muitas

(1) Nenhuma das Naçõis cultas da Europa quer o mais barato das outras em generos que podem manufaturar, ¿ e só nós é que o devemos querer?

vezes retrógrado, e ás manufacturas treplicão, decúplão de valor por causa da industria. E estamos convencidos que póde renunciar ao estudo da Sciencia economica quem não for capaz de axar no desenvolvimento d'esta proposição uma verdade fundamental.

Acresce que esse inconveniente de comprarem os consumidores nacionais mercadorias menos boas e menos baratas das nossas fabricas, não póde ser senão passajeiro, porque o o Governo, que tem sempre ante os olhos o termometro economico, vem em socorro da industria nacional pelos mũitos meios que tem á sua disposição. (1)

E' para salvar a industria nacional, ainda nascente, contra a concurrencia da estrangeira, que devem servir as Alfandegas, ou impondo direitos bem calculados, que sem destruir a emulação entre os produtores nacionais e estrangeiros, deem mais facilidades aos primeiros que aos segundos; ou prohibindo inteiramente os produtos estranhos, como pratíca judiciosamente Inglaterra: E' para protejer a industria nacional, ainda nascente, que o Governo Britanico descubriu as recompensas e premios, de que tem sabido tirar tão grandes ventajens pelo bem calculado valor de que os compõe, e pela discreta aplicação d'eles: E' para salvar a industria nacional, ainda nascente, que o Governo deve estar continuamente d'atalaia para procurar-lhe todas as comodidades e facilidades possiveis.

---

(1) Resta ainda por decidir se é verdadeira a observação que faz Mr. Canard: « Que todas as vezes que uma Nação compra ao estrangeiro algumas mercadorias em vez de as fabricar, é porque nisso axa ventajem. » Parece-nos que sería facil mostrar que aqui se confunde a Nação com um punhado de negociantes; e em mil hipoteses podem ganhar trinta ou corenta negociantes n'um ramo de comercio aliás ruinoso á Nação.

Verdade é que contra estas restriçõis que se fazem nas Alfandegas, se tem novamente levantado celebres Escritores, caracterisando-as de monopolistas, porque evitão a livre concurrencia das mercadorias estrangeiras, donde podia nascer a melhoria e barateza dos produtos industriais em beneficio dos consumidores. Taes são, entre os mais modernos, João Baptista Say e David Ricardo, Discipulos tão dignos do grande Smith, como perigosos quando propagão alguns dos pontos erroneos da doutrina d'aquelle grande Mestre; como é o de que tratamos.

O erro nasce principalmente de se pretender aplicar ao comercio de Nação para Nação a regra d'uma absoluta e ilimitada liberdade, que só convem ao comercio interior de Provincia para Provincia da mesma Nação; e ja se vè que aquilo que póde ser mũito util na primeira hipotese, póde ser mũito prejudicial na segunda, e *vice versa*. Ter em vista eisclusivamente o bem dos consumidores, procurando que eles não comprem senão o melhor e mais barato, importando pouco que o beneficio passe a estrangeiros ou nacionais, é manifestamente tomar uma questão tão importante, e de tão vastos resultados, por um só lado. ¿ Não se faz conta senão do interesse dos consumidores, e não valem nada os interesses dos produtores e os do Estado? Mas, se é demonstrado que da industria protejida e universalisada no territorio patrio depende a riqueza, a população e a força dos Estados modernos; ¿como póde caber em rasão que sejamos consumidores de industria alheia, e não produtores? Se para obter este fim importantissimo é preciso pòr limites á concurrencia da industria estrangeira com a nacional, ¿ porque o não fazemos? Se para esse mesmo fim é preciso que a Nação toda

faça um sacrificio, ¿ porque o não fazemos? ¿ E se o Governo empregar os meios possiveis para adiantar os conhecimentos auciliares, de maneira que possamos eisceder, ou igualar as outras Naçõis, ou ao menos marxar a pouca distancia d'elas; não desaparecerão esses sacrificios, que tanta bulha fazem na cabeça dos eisagerados amigos dos consumidores? (1)

Sería curioso ver demonstrar quais são esses grandes embaraços, esses obstaculos invenciveis que temos nós para emprehender, sem esperança de sucesso, estabelecimentos industriais. Não vemos o motivo por que não poderemos fabricar eiscelentes panos de lã, algodão, linho e sèda; que profundos conhecimentos nos faltem para eistrahir, preparar e fundir o ferro das riquissimas minas que temos; para fundar cordoarias dos mũitos e variados generos naturais de que abundamos; para fabricar xapeus, lonas, brins; para preparar breu, alcatrão, e aproveitar infinitas gomas e rezinas, e emfim outros mũitos produtos de consumo geral e de facil manipulação. ¿ Mas quando nos faltem meios e Mestres; porque os não mandaremos vir dos estrangeiros? ¿ Não praticão assim às mais cultas Naçõis, aproveitando-se mutuamente das descubertas umas das outras? Que haja escolha nos generos de manufaturas por onde principiemos, parece-nos conveniente, porque não julgamos igualmente facil e lucrativo começar por trabalhos minuciosos e complicados, e por fabricar coisas que

(1) A teoría tão gabada e tão plausivel d'uma livre e reciproca circulação de produtos entre todas as Naçõis, parece-nos mũito filosofica, mas tão infeliz na aplicação como o projeto da paz perpetua do filantropo Saint Pierre. Sería preciso que se eistinguissem os Ciumes Nacionais; que todos os Governos seguissem uma marxa uniforme; que adotassem uma politica filantropica e cordial; ¿ e quando veremos isto no Mundo? Deos o sabe.

sirvão a um luxo eisquisito, e não por trabalhos mais simples e faceis, e por fabricar coisas de um consumo mais universal.

Mas a digressão tem sido longa, inda que não destituida de interesse para o bem publico, e é tempo de soldarmos o fio ao discurso, e tornar ao objeto principal. (1)

Alem dos males ponderados que nos tem provindo do sistema de trabalho por escravos, ¿ a quem, senão a ele, devem as casas e fortunas do Brasil sua caducidade? ¿ Onde estão tantas familias, que neste paiz fizerão serviços assinalados ao Estado, pelos quais merecèrão foros e grandes recompensas? Desaparecèrão e confundirão-se na poeira do esquecimento com as riquezas precarias de que dependia a conservação de seu esplendor; e essas riquezas acabárão, pela maior parte, por falta de escravos, que davão valor ás propriedades; falta, que mil acidentes podião ocasionar, e de múito dificil reparação, pelo volumoso cabedal necessario para repovoar de numero suficiente de escravos grandes propriedades, e em tempos em que a circulação de valores não podia ser consideravel. ¿ Quem haverá meãmente instruido nas coisas da Patria, que não conheça a eisistencia do mal que deploramos? ¿ Quem haverá tão pouco amante da sua descendencia, que não deteste um sistema de trabalho, que faz tão precaria e tão falivel a sorte futura d'ela?

¿ E não valerá nada, para entrar tãobem em linha de conta, o abastardamento total da bela raça d'homens Portuguezes, confundida com os imensos Africanos, cuja mistura com os primeiros é inevitavel? ¿ E consentiremos nós que este magni-

(1) Mereceremos desculpa ao Leitor sabendo que esta opinião contra a creação de manufaturas atualmente no Brasil é múito acreditada, e por isso pareceu-nos bom insistir sobre a materia.

fico Imperio de tal sorte se inunde da raça d'eles, que com o rodear dos anos, venha o Brasil a confundir-se com a Africa? A França no maior entusiasmo e delirio da sua igualdade Republicana, recusou admitir a propagação dos Africanos em seu seio; e nós que trabalhemos para fundar n'estas deliciosas Regiõis, tão invejadas pelas outras Naçõis, um Reino de Congo!!! Não: os nossos Compatriotas não serão de tal opinião. Como fieis Vassalos do Soberano que adoramos, devemos empregar todas as forças para dar ao seu Trono Glorioso valentes Cidadãos do nosso proprio sangue, daquele que recebemos dos famosos e imortais Lusitanos, que souberão derramalo nas quatro partes do Mundo em serviço do Rei e da patria. (1)

Sem dados statisticos autenticos sobre o numero dos escravos que possuimos, por essas mesmas informaçõis particulares que temos, e que nos parecem diminutas, podemos asseverar que ele é já assás crescido para que nos ocupemos em procurar evitar uma indefinida introdução d'eles, e para que principiemos com anticipação a tomar medidas prepara-

---

(1) *Fortes creantur fortibus et bonis:*
Est in juvencis, est in equis patrum
Virtus; nec imbellem feroces
Progenerant aquilae columbam.

Hor.

¿ Para que misturar e confundir raças? O Africano póde ser tão homem de bem, como os Americanos, os Asiaticos e Europeus, e muitos se conhecem eiscelentes, mas conserve-se cadaúm na esfera que lhe coube em sorte; nem eistremar as côres altera em nada as ventajens politicas sociais. Se um cataclismo viesse perturbar subitamente o nosso Planeta, tudo se confundiria, mas restabelecida a ordem, a andorinha buscaria sua antiga morada, a pomba seu ninho, a aguia os altos roxedos solitarios. O mesmo passa na ordem moral.

torias para eistinguir, um dia, até o nome de escravidão entre nós. (1)

Esta reforma, com o numero de escravos que já temos, e os que devem ainda introduzir-se, talvez custe seculos de trabalho e providencias; mas nem por isso devemos desanimar, porque os individuos morrem, não as Naçõis; e nossos vindoiros tem direito a esperar de nós um patrimonio melhorado. Eles nos cobrirão de suas bençõis, e nós viviremos imortais em sua memoria. Este sentimento de amor pelos nossos vindoiros é sem duvida inspirado pelo mesmo Creador para confortar-nos e animar-nos nos trabalhos da vida, necessarios á prosperidade e felicidade do genero humano, quanto ele póde ser feliz n'este Planeta, onde sua Mão Omnipotente o colocou. Este sentimento anima o octogenario, quando transportando-se ás idades que ele não ha-de conhecer, planta arvores cujos frutos não podem vir em seus dias. D'um lado seus Maiores, isto é, suas lembranças, fazem-no tocar os seculos passados: d'outro lado, suas esperanças, isto é, seus filhos, o transportão aos seculos por vir. Na ordem fisica, os individuos perecem; as especies são duradoiras. Na ordem social, as familias apresentão o mesmo carater.

Os grandes Legisladores souberão estender suas vistas á remota posteridade; as Naçõis cultas sempre a contemplão nas suas grandes emprezas, trabalhando com zelo e constancia para a futura grandeza e prosperidade nacionais. Assim o faz

---

(1) Eistinguir a introdução de escravos Africanos não é o grande ponto que mais incomodou os Americanos do Norte, mas sim o abolir a escravidão dentro do paiz: mil planos se apresentárão, e é notavel que a opinião do celebre Jefferson era que se eisportassem os negros para fora do territorio. Isto serve ao nosso proposito.

a soberba (1) Inglaterra, modelo de patriotismo e de politica; assim faremos nós tãobem, destinados visivelmente pela Providencia a figurar entre os maiores Imperios da terra.

§. 4.°

Do tempo que deve ainda durar a introdução dos Africanos no nosso territorio; com que condiçõis se fará a abolição, e qual será seu resultado.

PRovado que o sistema de trabalho por escravos nos não convem, segue-se eisaminar quando, e como se deve abolir. Fixar esta epoca não é coisa facil, como dependa de mũitos dados, que não estão ao alcance d'um simples particular, e seja negocio essencialmente ligado aos planos politicos Ministeriais, que não ousamos perscrutar. O Soberano conhece melhor que ninguem os interesses de sua poderosa Monarquia, e no seu Paternal Disvelo devemos depositar todos a mais ilimitada confiança, como é mũito obrigação nossa. Seja-nos porem permitido aventurar nossas ideas, que não passão de hipoteses, que imagina quem discorre.

E' inquestionavel que sendo a nossa população branca inda mũito diminuta, e estando todo nosso trabalho, em geral, confiado a braços Africanos, se nos faltasse subitamente o recrutamento d'eles, teriamos de sofrer uma desordem incal-

(1) Quando damos á Inglaterra o epiteto de soberba, queremos designar aquele orgulho nacional sem o qual não ha que esperar grandes coisas. Tomaramos nós uma grande dóse aos Portuguezes, e que eles se considerassem a primeira Nação do Mundo, trabalhando para merecerem um tal titulo.

culavel. Deshabituar os homens de coisas geralmente adotadas, e em que eles axão, ou imaginão axar seu interesse, é empreza dificilima, assim como é arduo, e mesmo perigoso, pretender dar nova direção á industria e trabalhos d'um povo inteiro. Todas as medidas rapidas e diretas são desaconselhadas pela Politica; mostrar aos homens o interesse, e aplanar os caminhos para xegarem a ele, parece ser a mola mestra da operação.

Quando o Congresso Americano, nadando em filantropia, quiz abolir por Lei geral a introdução dos Africanos em todo o seu territorio, os Estados do Sul, que se havião dado á cultura dos generos xamados Coloniais, repugnárão nervosamente subscrever á tal medida, e propuserão e conseguírão um praso de vinte anos. E' provavel que esta suplica fosse calculada sobre a situação politica dos mesmos Estados, queremos dizer, que eles tivessem em vista aproveitar as despezas já avançadas com a cultura, a dificuldade de axar prontamente trabalhadores livres para substituir aos escravos, e de dar nova direção á sua industria e trabalhos subitamente.

Ora, sabe todo mundo que aquele paiz se axava em circunstancias mũito mais favoraveis que o Brasil: Entusiasmo geral por ideias liberais e filantropicas; grande diferença no metodo de colonisação; maior população branca relativa; mũito maior facilidade em adquirir povoadores estrangeiros pela natureza de sua Constituição; emfim Colonia Ingleza, isto é, uma grande povoação de Inglezes, não degenerados pela diferença do clima, mas com o mesmo temperamento e energia, e participando do avançamento politico da Metropole Europeia.

Se pois, apesar de tantas ventajens, não ousou o filantropo Governo Americano abolir subitamente a introdução dos

braços Africanos nas Provincias dadas á cultura dos generos Coloniais, antes concedeu o longo praso de vinte anos; é manifesto que não podemos nós, menos avançados em conhecimentos, sem esperança bem fundada de podermos adquirir uma rapida população branca, sem outra nenhuma industria senão a cultura dos mesmos generos Coloniais, abandonar subitamente, d'um dia para outro, o sistema geralmente estabelecido do trabalho por escravos, sem nos eispormos a grandes embaraços e desordem universal. De certo, esse ramo unico de nossa atual industria retrogradaria, e a Nação inteira, e o Estado mesmo se ressentirião desse atrasamento; ninguem poderia calcular como nos sairiamos do embaraço, nem se poderiamos jamais recobrar o mesmo grau de superioridade que hoje temos no mercado dos generos Coloniais, principalmente quando outras Naçõis industriosas, como a França, e a mesma Inglaterra, concorrem comnosco, e preparão novos projetos de grande cultura.

Convindo pois na necessidade de mudar o metodo de trabalho por escravos, parece-nos todavia indispensavel que se faça a mudança de maneira que a nossa industria atual, se não aumentar, ao menos não retrograde; que haja tempo suficiente para que os proprietarios possão cobrir-se das despezas avançadas, e para bnscarem novos trabalhadores, ou darem nova direção a seus capitais, e bem assim para que as providencias auciliares que se esperão do Governo possão produzir o fruto desejado. (1)

---

(1) Parece-nos muito provavel que com a nova Constituição liberal no Brasil, a população branca aumentar-se-ha rapidamente com a emigração dos Europeus; então poder-se-ha aeelerar mais a abolição da introdução dos Africanos.

Seja porem qual fôr o praso que se fixe, findó o qual cessará a introdução dos escravos, haverá sempre medidas importantes que tomar.

E' provavel que, durante ele, o pedido de escravos aumente consideravelmente, e que o amor do ganho estimule os especuladores d'este genero de comercio a introduzir tão grande numero d'eles, que o mal que receamos d'uma eiscessiva população escrava, e tanto mais perigosa quanto introduzida como d'aluvião, haja de verificar-se. Conviria por tanto fixar o numero de individuos que fosse permitido introduzir cad'ano, calculado de modo que, findo o praso, nos não axassemos embaraçados com uma tal população mũito desproporcionada.

Supondo v. gr. que se fixava o praso de 20 anos, não admitiriamos em cadaúm senão de 25 a 30 mil escravos; desta sorte, findo o praso, teriamos, dando desconto á mortalidade, entre quatrocentos e quinhentos mil sobre os que ja temos; numero, que sendo na verdade mũi crescido, é ainda suportavel vista a grande eistensão do nosso territorio. (1)

Sería porem necessario, para atenuar o mal que nos ameaça, fazer dos individuos cad'ano introduzidos uma judiciosa distribuição pelas diferentes Capitanias á proporção de sua eistensão, e trabalho de seus habitantes, vedando absolutamente a acumulação d'elles nas Vilas e Cidades maritimas. O motivo d'esta providencia aparece por si mesmo.

---

(1) O Barão d'Humboldt que dá aos Estados-Unidos um milhão somente de escravos, que diz ser o 6.º da população livre, assim mesmo já considera embaraçados os mesmos Estados. *Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle Espagne.* Livre 1.º Chap. 1. pag. 221.

Parece-nos que nesta distribuição deveria ser menos aquinhoada quanto fosse possivel a Capitania Geral do Rio Grande do Sul. A natureza do seu clima, o genero de industria de seus habitantes, que consiste em crear o gado grosso cuja carne eisportão, e em cultivar os Cereais, estão clamando que ela seja a primeira vestida á Europeia; que para ella se mandem Colonias de trabalhadores Europeus; e que n'ela se adote a marxa economica que seguem as Naçõis cultas. Se a imaginação nos não ilude, temos esperança que a dita Capitania, protejida, se elevará a um ponto de prosperidade invejado pelas outras.

Os que nos atroão as orelhas com planos para aumento da nossa agricultura, e enganados talvez com o aparato de grande numero de embarcaçõis que vem buscar nosso algodão e outras materias brutas, assentão que marxamos para uma solida prosperidade, levarão mũito a mal esta restrição no numero dos escravos importados cad'ano, como um meio de restrinjir tãobem o aumento da cultura que desejão aumentada.

A reposta está dada nos principios que temos desenvolvido até aqui. Separai (diriamos nós) do progresso da vossa agricultura (tal qual ela é) os males horriveis do sistema de trabalho por escravos, e nós vos daremos uma liberdade indefinida de aumentala. Mas sendo, como são, duas coisas inseparaveis, é um dever imperioso da Politica proscrever esse sistema perigoso, e ocupar-se em buscar os meios adequados para xegar a uma solida prosperidade. A força do mal é tão grande, a nossos olhos, que parece absorver todas as outras consideraçõis de interesses e ventajens secundarios.

E porque temos visto tanta gente, mesmo da classe instruida, eistasiar-se com o progresso da nossa cultura atual, somos tentados a fazer sobre ela algumas observaçõis.

Sabemos todos que o primeiro e principal objeto da agricultura deve ser a subsistencia nacional, e que nenhuma Nação, podendo-a tirar do seu proprio territorio, deve confiala aos acasos do comercio eisterior: Sabemos igualmente que o assucar, café, algodão etc. podem produzir dinheiro, mas não servem de alimento, e que a cobiça daquele tem de tal modo ganhado os agricultores do Brasil, que ocupados unicamente na cultura dos generos comerciais, abandonão inteiramente a dos viveres necessarios á vida; donde resulta que a maior parte da nossa subsistencia, em pão, nos venha do estrangeiro, e seja por isso eistremamente precaria. A mandioca mesmo, que é o pão da plebe e da escravatura, não é cultivada pelos grandes proprietarios, e por isso qualquer acidente na regularidade das Estaçõis produz uma fome devastadora, de que tem sido vitima frequentes vezes a bela Provincia Paranambucana.

Perguntariamos nós agora, se esta direção da nossa agricultura para os generos comerciais ilimitada merece uma proteção absoluta e irrefletida. Póde o povo sofrer privaçõis em todo genero, mas sem alimento não se vive, e cada individuo d'uma Nação ha-de por força ter seu quinhão de alimento, e o Estado deve necessariamente segurar-lho. ¿Não seria pois conveniente quartar essa imoderada tendencia para a agricultura, quasi eisclusiva, dos generos de comercio eisterno, e dirijila para a cultura dos cereais e mesmo dos legumes, que fazem por toda parte a base da subsistencia da grande maioridade do povo, segurando-a no nosso territorio, e derramando sobre ele as somas imensas que nos levão estrangeiros? Milhõis de braços ocupados com entusiasmo em lavrar a terra para alimentarem o luxo eisquisito e as

manufaturas da Europa, pagando ao estrangeiro o pão de que vivem, e eispostos a morrerem de fome, é das maiores eistravagancias que póde conceber o espirito humano. A leitura da interessante Obra do Professor Malthus desenganará os incredulos na materia. (1)

Sabemos tãobem que o amor do ganho tem arrastado um povo imenso á cultura do algodão. ¿ Mas como se faz ela? Uma caterva de vagabundos, mũitas vezes sem bastantes braços para aproveitarem as colheitas que preparão, tem feito uma calamitosa irrução contra matas riquissimas, e as tem devastado, para fazerem roçados, que abandonão depois das primeiras colheitas. Madeiras de construção, de marceneria, de tinturaria preciosas, como a do Páu Brasil, tem sido derribadas e condenadas ao fogo pelas barbaras mãos da populaçã em uma imensa eistensão, e em todas as Capitanias, principalmente nas de Paranambuco e Paraïba do Norte. São raros os cultivadores que escolhem terreno, n'ele se fixão, e procurão tirar d'ele por meio do estudo e da eisperiencia o partido possivel; os mesmos que obtem Sesmarias, em quanto ha matas que derribar, fazem todos os anos novos roçados. Por tal metodo jamais a cultura se aperfeiçoará, porque o homem não emprega diligencia alguma, e tudo é obra da natureza; e em poucos anos o paiz apresentará um aspeto cadaverico, se nos podemos eisplicar assim, como já acontece em algumas Capitanias; não teremos dado um só passo para a perfeição da agricultura; nem teremos creado aquela porção de povo, que

---

(1) *An Essay on the principle of population.* Obra cheia de preciosas discussõis e de sumo trabalho, mas com principios erroneos sobre a formação da riqueza, e contrarios á doutrina de Smith, que deu neste ponto grandes passos.

ligado á terra pelo amor do trabalho e do suór n'ela derramado, forma por toda a Europa a população mais solida e vigorosa. ¿ E esta agricultura, (se tal nome merece) grosseira, vagabunda e devastadora, será por ventura a que nos convem, e a que devemos protejer tão absoluta e indistintamente? Ninguem o dirá.

Ora, a respeito da agricultura (figura-se-nos que dirão os raciocinadores) embora dispensaremos os braços dos Africanos, porem a respeito das minas, força é que se abandonem de todo. Não pensamos d'este modo; somos de acòrdo, com os homens intendidos na materia, que uma reforma geral deve empregar novo metodo de mineração dirijido por mãos habeis, sem o que tal ramo d'industria, inteiramente dependente do acaso, e sem o aucilio das infinitas invençõis que facilitão o trabalho, e simplificão as operaçõis, será sempre ruinoso para quem o emprehender.

Feita esta reforma, não nos inquietaria o receio de falta de braços, porque nenhuma duvida há em empregarmos os Europeus n'este genero de trabalho ja cultivado e aperfeiçoado na Europa. Não vemos tãobem a rasão por que não tiraremos grande partido dos braços dos nossos Indigenas, que não são menos robustos que os Mexicanos, sobre os quais pésa todo o trabalho da mineração. São bem conhecidos os n'ele empregados com o nome de *Tenateros*: os quais, segundo afirma Mr. de Humboldt, são tão robustos que aguentão, cinco, seis horas a fio, o pèso de 225 a 350 livras; fato que desmente a opinião d'alguns Escritores que declamão sobre a degeneração da nossa Especie na Zona torrida, e a incapacidade dos Indigenas para trabalhos penosos. Alem disto imensos anos ainda depois de cessar a introdução dos Africanos durará a raça

crioula d'eles, igualmente robusta, e ja afeita ao trabalho; o caso está sabela conservar e adiantar.

Nem somos da opinião de mũitos que pensão que o territorio da riquissima Capitania das Minas sería melhor aproveitado com a agricultura, levando a eisageração até o ponto de julgarem perniciosa a eistração do oiro. Esta opinião xeira ainda a encanecida doutrina dos Economistas, que não concebião riqueza fóra dos produtos da agricultura; opinião que, depois de Smith, sería ociosidade refutar.

O interesse da eistração dos metais é reconhecido universalmente; mas é desgraça que os homens correndo cegamente apòs dos metais preciosos, desprezem a eistração dos outros, não menos interessantes, e alguns até indispensaveis aos usos da vida, como o ferro; e que seja preciso que os nossos Antípodas no-lo-venhão trazer para eistrahirmos o mesmo oiro, tendo-o nós em quantidade prodigiosa até junto âs minas d'aquele metal precioso.

Alem disto a lavra dos metais não eisclue a agricultura, e o Mexico nos oferece d'isto uma prova incontrastavel. Alí os Mineiros são por toda parte acompanhados pelos Agricultores, porque estes axão consumidores certos e numerosos na gente imensa empregada na mineração. Enganar-se-ha grosseiramente quem pensar que as minas do Mexico são as fontes principais de sua riqueza, porque realmente ele tem uma agricultura imensa, que obteve um melhoramento sensivel dos fins do seculo passado para cá, a qual não é fundada em produçõis a que o luxo Europeu tem assinado um valor arbitrario e variavel, mas sim na cultura dos cereais e d'outros generos que servem para a subsistencia. O mesmo se principia a praticar na Capitania de Minas, e a sua agricultura marxa

quadas, a diminuição, e a falta mesmo deles, poderia produzir assinaladas ventajens para a nossa industria, e isto por uma saudavel reação do genio industrioso da Nação Portugueza.

Quando uma Nação tem capitais e xega a saborear os beneficios da industria e do comercio, o amor do ganho faz prodigios: os obstaculos e dificuldades se atenuão, os beneficios se eisagerão, e como torrente que represada, filtra, rompe e abate as barreiras, assim a industria animada e inquieta corre todo o mundo, vai buscar interesses por toda parte, e toma infinitas direçõis lucrativas. Daqui nasce que os mesmos impostos, (que J. B. Say diz serem sempre um mal) quando são bem escolhidos e assentados em um povo industrioso, em vez de paralisar, promovem a industria, em rasão do esforço que fazem os contribuintes para pagalos sem incomodo. Assim vemos tãobem que onde a vida se ganha facilmente, ahi está o Reino da Priguiça.

Ora, cessando a facilidade eistrema que ha entre nós de cultivar os generos comerciais, porque nada mais é necessario que comprar negros, abater matos, queimar, plantar e colher, provavelmente os Capitalistas procurarião novo emprego a seus fundos, e a industria ganharia mũito; e nós ja vimos que esta nova direção seria d'um proveito mais solido e mais conveniente á prosperidade nacional, e não ha para que repetir demonstraçõis.

Acrescentaremos somente que a creação d'uma industria nacional nos parece o unico e solido meio de ligar a indispensavel comunicação entre as diferentes capitanias. ¿ Onde se viu jamais um corpo social sem um movimento e jogo harmonico entre todas as suas partes? As Provincias d'um

Imperio reunidas fazem a força d'ele; entretanto vemos que as do Brasil sem mutuas relaçõis sociais, trabalhando cadauma na agricultura do seu territorio, não conhecem outros mercados, nem outros consumidores senão os da Europa. O comercio de Cabotagem, que foi sempre a melhor escola para crear uma grande Marinha, é quasi nenhum, e apenas a população crescente da Capital, com a presença da Còrte, atrahe para o seu porto dos circumvizinhos as coisas necessarias á vida. Não aconteceria porem assim se em cadauma das Capitanias se creassem manufaturas diferentes com judiciosa escolha, que alimentassem uma troca reciproca, ja que quasi todas possuem os mesmos produtos agricolas. Assim as fabricas d'algodoaria pertencerião a Paranambuco; as dos diferentes linhos para fornecerem cordas e velame á Marinha, se estabelecerião na Capitania Geral de Portalegre; o Pará daria em troca seu cacáu, seu estimadissimo café da Vigía, seus eiscelentes azeites de tartaruga e d'andiroba etc. etc., e este mutuo comercio interno, absolutamente livre e favorecido, daria uma nova impulsão e vida ao nosso vastissimo Continente, e nós deixariamos de ser os Colonos da Europa (1).

---

(1) Os imensos e incriveis recursos pecuniarios que apresentou a soberba Inglaterra durante a revolução Franceza, ao passo que as mais vastas e poderosas Monarquias Continentais se axavão esgotadas, desenganárão aos Soberanos d'elas que não se podem sustentar guerras sem muitos teares, porque é com eles que o Povo, xamado *Mercador*, salvou a independencia da Europa. Hoje que por toda parte a industria tem recebido uma eistraordinaria impulsão progressiva, é indispensavel que a Europa procure novos mercados. A prevista Inglaterra os busca e prepara por toda a parte onde ha homens e seus navios podem abordar; as outras Naçõis vão atraz. O Canadá, os Estados-Unidos mesmo, as Antilhas, a America Hespanhola de ambos os mares, o Brasil, a Asia, a Africa, serão os teatros onde se debaterá a industria Europeia para obter preferencias. O Brasil

§. 5.°

Por que meios se poderá manter o nosso trabalho agricola independente dos braços dos escravos Africanos.

SOmos xegados á grande dificuldade, que é axar braços para substituir aos dos Africanos. Nós presentimos que este artigo será o primeiro buscado, e o primeiro lido pelos curiosos. « Vejamos se o autor sabe tão bem edificar como destruir, » será a linguagem comum. Os proprietarios acostumados ao recrutamento facil e pronto dos escravos no grande viveiro d'Africa, quererão uma substituição de trabalhadores livres, igualmente facil e pronta. Todos os meios indicados que não enxerem estas duas condiçõis serão julgados quimericos, e o autor d'eles tratado despiedadamente de entusiasta e projetista temerario. Assim pensará o comum dos Leitores, não os homens instruidos.

Primeiramente, não se trata aqui d'um projeto que aconselhe; trata-se d'um mal que é preciso evitar: Pede o bem do Estado que cesse a introdução dos escravos Africanos, e

---

é que oferece uma Mina de mais variada riqueza, e mais facil de lavrar, pela sua ventajosa posição geografica, mansidão de suas costas, segurança de seus portos, salubridade de seu clima, e a tranquilidade politica de que gosa e gosará. As Naçõis que conhecem seus interesses, ambicionão nossa aliança; e admira que a França, a quem tantos motivos politicos forção a unir-se estreitamente comnosco, se tenha disso descuidado. Entretanto é preciso que façamos força para repelir o jugo industrial que nos preparão as Naçõis cultas, e saibamos tirar partido da concurrencia delas no nosso mercado, até que nossa industria nos faça independentes.

procurão-se os meios de remediar a falta que este sucesso deve ocasionar : esta consideração somente altera essencialmente o estado da questão.

Não tendo outros meios de que nos ajudemos senão os que estão ao alcance da humanidade , pede a rasão que nos acomodemos com eles, e que não esperemos milagres nas obras dos homens. Bem pelo contrario, qual é a obra d'eles em que não apareça o ferrète da nossa fragilidade ?

De certo, não temos um viveiro d'homens livres d'onde mandemos buscar a trôco de barrís d'agua ardente , pacotes de tabaco , carapuças encarnadas e outros artigos d'esta qualidade, os trabalhadores de que precisamos; é necessario atrahilos pelos meios que fazem obrar o homem livre, que de necessidade hão-de ser lentos e tardios, mas por isso mesmo mais seguros e duradoiros , como nunca serão os que forem filhos da violencia e da força. A eisperiencia, nossa melhor mestra em arranjamentos politicos, ja nos tem posto de prevenção bem fundada contra grandes prosperidades feitas repentinamente, e contra os projetistas que as inculcão e afianção. Demolir um edificio é facil, reconstruilo, dificil : desmoralisar uma Nação, pronto; levantar os costumes descaidos, tardio : a descida para o mal suave, a subida para o bem, agra e escabrosa ; o *tardiora sunt remedia quam mala* do grande Tacito, é uma eterna verdade em Politica.

E nem nos amesquinhemos pelos embaraços em que nos axamos, atribuindo-os somente á falta de conhecimentos, como é mania mũito ordinaria. Os Anglo-Americanos trabalhárão mũito n'esta mesma materia, e aparecèrão planos de toda estòfa. ¿ E não vimos nós as Naçõis que supomos mais cultas, ás cabeçadas, e engatinhando como crianças, sem

saberem de que modo organisarião um Governo? Tudo quanto possuem hoje de melhor as que tanto gabão suas instituiçõis, comprárãono carissimo, e devemno á mão do tempo e da eisperiencia, e não a teorias.

Suponhamos que nossa posição era ao principio embaraçada, (o que não esperamos que aconteça) os embaraços não podem ser duraveis, nem terão proporção nenhuma com a habilidade, genio creador, e constancia da Nação Portugueza, principalmente quando ela tem para desenvolver sua industria um tão vasto, tão fertil e tão rico territorio. Os seus fastos espantosos conservão a memoria das virtudes heroicas que lhe atribuimos, nos quais póde sem escrupulo, nem pendão de vangloria, rever-se e pavonear-se. Busquemos de coração os meios de nos tirarmos do passo dificil em que nos axamos, e póde-se afiançar que não só sairemos com a empreza, senão que os resultados irão mũito alèm das esperanças.

Com este longo preparatorio, tendente a atenuar a sofreguidão dos que pretenderem uma nova ordem de coisas d'um dia para outro, como se mudão rapidamente as vistas d'um teatro, passemos a eisaminar por que meios poderemos manter o nosso trabalho agricola independente do recrutamento dos Africanos.

Lembrão-nos quatro: 1.° poupar os escravos eisistentes, e promover a propagação entre eles;

2.° inspirar o amor do trabalho nos homens livres da classe do povo de todas as cores, e forçalos mesmo a isso;

3.° empregar os povos Indigenas, tanto os que ja estão avilados, como os que se puderem atrahir;

4.° procurar trabalhadores Europeus.

Cadaum d'estes artigos daria materia para longas paginas, e seria mesmo proveitoso desenvolvela; mas não o permite

a estreiteza do discurso, e por tanto contentar-nos-hemos com propor ideias mũito gerais.

---

§. 6.°

Eisposição sumaria de cadaum dos meios indicados.

ARTIGO I.° *POupar os escravos, e promover entre eles o casamento.* Não é dificil de conceber quanto ganharião os Senhores se os escravos xegassem vigorosos ao termo da vida que vivemos hoje comumente. Vinte anos de bom trabalho que désse cadaum, avultaria muito. Mas n'esta materia não é só o interesse que nós devemos consultar, porque a humanidade e a Religião nos impõem rigorosa obrigação de tratar bem nossos similhantes: os escravos são homens, e filhos do Creador de tudo.

A perda anual d'eles é calculada nas Antilhas, e mesmo no Continente, a 6 e 7 por cento; perda enorme, e que uma severa Policia poderia diminuir mũito, principalmente em paizes onde não ha molestias endemicas. Assim mesmo, a população escrava durará mũitos anos depois da abolição total d'ela. Para isto porem seria preciso tomar medidas ajustadas e severas.

O primeiro objeto digno da mais escrupulosa vigilancia seria o tratamento dos recem-xegados d'Africa, desembarcando-os para Lazaretos preparados, vigiados e administrados por Professores habeis e zelosos. Conservar os doentes a bordo é condenalos á morte certa, como deve ter mostrado a

saberem de que modo organisarião um Governo? Tudo quanto possuem hoje de melhor as que tanto gabão suas instituiçõis, comprárãono carissimo, e devemno á mão do tempo e da eisperiencia, e não a teorias.

Suponhamos que nossa posição era ao principio embaraçada, (o que não esperamos que aconteça) os embaraços não podem ser duraveis, nem terão proporção nenhuma com a habilidade, genio creador, e constancia da Nação Portugueza, principalmente quando ela tem para desenvolver sua industria um tão vasto, tão fertil e tão rico territorio. Os seus fastos espantosos conservão a memoria das virtudes heroicas que lhe atribuimos, nos quais póde sem escrupulo, nem pendão de vangloria, rever-se e pavonear-se. Busquemos de coração os meios de nos tirarmos do passo dificil em que nos axamos, e póde-se afiançar que não só sairemos com a empreza, senão que os resultados irão mũito alèm das esperanças.

Com este longo preparatorio, tendente a atenuar a sofreguidão dos que pretenderem uma nova ordem de coisas d'um dia para outro, como se mudão rapidamente as vistas d'um teatro, passemos a eisaminar por que meios poderemos manter o nosso trabalho agricola independente do recrutamento dos Africanos.

Lembrão-nos quatro: 1.° poupar os escravos eisistentes, e promover a propagação entre eles;

2.° inspirar o amor do trabalho nos homens livres da classe do povo de todas as cores, e forçalos mesmo a isso;

3.° empregar os povos Indigenas, tanto os que ja estão avilados, como os que se puderem atrahir;

4.° procurar trabalhadores Europeus.

Cadaum d'estes artigos daria materia para longas paginas, e seria mesmo proveitoso desenvolvela; mas não o permite

a estreiteza do discurso, e por tanto contentar-nos-hemos com propor ideias mũito gerais.

---

§. 6.°

Eisposição sumaria de cadaum dos meios indicados.

Artigo 1.° *Poupar os escravos, e promover entre eles o casamento.* Não é dificil de conceber quanto ganharião os Senhores se os escravos xegassem vigorosos ao termo da vida que vivemos hoje comumente. Vinte anos de bom trabalho que désse cadaum, avultaria muito. Mas n'esta materia não é só o interesse que nós devemos consultar, porque a humanidade e a Religião nos impõem rigorosa obrigação de tratar bem nossos similhantes: os escravos são homens, e filhos do Creador de tudo.

A perda anual d'eles é calculada nas Antilhas, e mesmo no Continente, a 6 e 7 por cento; perda enorme, e que uma severa Policia poderia diminuir mũito, principalmente em paizes onde não ha molestias endemicas. Assim mesmo, a população escrava durará mũitos anos depois da abolição total d'ela. Para isto porem seria preciso tomar medidas ajustadas e severas.

O primeiro objeto digno da mais escrupulosa vigilancia seria o tratamento dos recem-xegados d'Africa, desembarcando-os para Lazaretos preparados, vigiados e administrados por Professores habeis e zelosos. Conservar os doentes a bordo é condenalos á morte certa, como deve ter mostrado a

eisperiencia. Mas neste genero, pela sua importancia, seria preciso que a Policia nada deixasse ao interesse particular sómente, antes tudo vigiasse e resistasse. Toda despeza para um fim tão sagrado é uma divida rigorosa, mas é preciso que ela não seja distrahida do seu verdadeiro destino, aliás tais estabelecimentos degenerão em meros beneficios para os Empregados. ¿E que melhores proporçõis se podem descobrir do que as do porto desta soberba Capital, todo semeado de Ilhotas, a boa distancia umas das outras, e cobertas de verdura? O que se chama aqui Lazareto não passa d'um mero Resisto de entrada, e em eistremo dispendioso para beneficio de particulares. Com todas as forças do nosso coração xamamos a atenção do Governo para regular a policia do transporte dos Africanos e sua introdução em nossos portos.

Passando os escravos ás mãos dos particulares, novos cuidados se apresentão. E' necessario saber graduar-lhes os trabalhos em quanto não se habituão, e nunca obrigalos aos que são superiores á força comum dos homens; nutrilos e vestilos bem, e tratalos em suas infermidades, e vigiar que se não deem á libertinagem e ás bebidas espirituosas.

Preferimos o trabalho por taxa ou tarefa. O escravo a quem se marca o seu trabalho diario, gosa d'uma especie de liberdade, e anima-se com a esperança de ter, por seu, o tempo que lhe sobra, e por isso trabalha com desabafo e mais de vontade, com tanto que a tarefa seja arrasoada. Esta é a pratica geral nas Colonias estrangeiras, confirmada pela eisperiencia.

O alimento deve ser suculento; e provão melhor os legumes, intermeados com a carne. A sèca preparada no Sul é eiscelente, e val muito mais que a do Norte em salmoira.

Em falta de vinho, é indispensavel uma ração moderada d'aguardente de cana.

Deve-se proscrever, como ruinosa e sujeita a pessimas consequencias, a pratica de deixarem os Senhores aos escravos o cuidado de se alimentarem e vestirem, dando-lhes para isso um dia livre na semana; porque em uns a priguiça, em outros a inhabilidade, e na maior parte a libertinagem, são causa que elles não cultivem os viveres, e roubem o que podem aos vizinhos, e mal nutridos sucumbão ao trabalho. E tal é a desgraça, que apesar d'estes inconvenientes é a pratica seguida por toda parte com mũi raras eisceçõis.

O vestido deve ser de lã ou algodão apesar do calor do clima. Os escravos trabalhão quasi nus, mas quando é preciso abrigarem-se, convem que a sua roupa seja capaz d'isso. Os Inglezes distribuem camisas de flanela ás Tropas mandadas para os paizes quentes da Asia, Africa e America.

Para os doentes são precisas casas proprias e com as comodidades necessarias, servidas por Professores e gente caridosa. Toda despeza neste artigo é uma bem entendida economia; nem o triste salario do Medico, e o preço das drogas da Botica, podem pòr-se em balança com a vida do homem e com os interesses que d'ela resultão. Os Colonos Francezes são dignos de imitar-se n'este artigo.

O interesse particular, e em mũita gente a caridade Christã, ditarão arbitrios que não lembrão a quem discorre no gabinete; porem, em todo caso, seria indispensavel que uma severa Policia sobreroldasse n'esta materia para remediar os descuidos da ignorancia e deleixo, e os desvios da má fé.

Quanto á propagação dos escravos. O casamento é indispensavel, porque a libertinagem impede a propagação, acarreta

infermidades, embaraça a boa disciplina, e produz outras mũitas consequencias funestas. Comete-se por toda parte o erro de não ter nas fabricas de escravos um numero proporcionado de escravas; porque elas são necessarias para o tratamento dos homens, educação das crianças, cuidado dos velhos e serviço dos hospitais. ¡ E' na verdade cegueira deploravel, que podendo os proprietarios crear-se uma grande e bela população crioula, promovendo a propagação entre seus escravos, não só o não fação, senão a embaracem!! Nas Colonias estrangeiras vimos nós que os proprietarios conhecem perfeitamente n'esta parte seus interesses, mas desgraçadamente uma desmedida ambição dos interesses imediatos e prontos os céga, e não tomão por isso medidas solidas e duradoiras.

Não ha desgraçadamente o necessario cuidado na educação da mocidade crioula, que, entre nós, até parece considerada população mais de luxo que de trabalho. (1) Uma grande parte morre no berço, e outra fica estropiada por efeito de molestias mal curadas. D'esta sorte perde-se uma eiscelente raça de trabalhadores, pois sabemos que os crioulos são robustos, bem constituidos e até habilidosos. ¿ Qual deve ser a sorte de crianças que ainda na mais tenra infancia são conduzidas pelas mãis ao lugar onde trabalhão, e ahi eispostas ao rigor do tempo, ou ficão abandonadas nas Cabanas até o regresso d'elas? Isto demanda uma severa providencia. Ou as mãis devem ser dispensadas d'um trabalho longinquo, ou deve haver um numero de escravas ocupadas do cuidado das

---

(1) Grande numero de crioulos e crioulas entulhão as casas a titulo de Criados e Mocambas ao modo Asiatico.

crianças. Seria mũito util organisar um regulamento sobre esta importante materia. (1)

Artigo 2.° *Inspirar o amor do trabalho aos homens livres da classe do povo de todas as cores.*

O maldito sistema de trabalho por escravos, alem d'outros males, fez-nos o grandissimo de infamar de tal sorte o trabalho agricola, que os homens livres da mais baixa classe antes querem morrer de fome, e entulhar as Vilas e Cidades na mendicidade e na miseria, do que receberem um pão honrado, ganhado por seus braços. Familias infinitas de brancos e pardos vegetão no interior das casas em ociosidade, miseria e mesmo libertinagem; e por nenhum partido se sujeitão ao serviço, mesmo domestico, de familias ricas e honradas, como na Europa. O seu sumo bem é possuirem um escravo para o serviço de porta fora, e uma escrava para o domestico; do trabalho para ganhar o pão não se cura; em uma palavra a ociosidade é no Brasil nobreza, e a Priguiça aqui fundou seu trono.

¿ Qual será o remedio a tão grande mal? ¿ A força? Não por certo. Será preciso meditar instituições e providencias que destruão o prejuizo da infamia do trabalho, honrando-o e premiando-o, e crear uma Policia vigilante e severa, que não consinta ociosidade nesta classe de gente, trazendo-a resistada e até inventariada; em uma palavra, desprevenila

(1) O aumento da população crioula nas Fazendas bem governadas não é quimera: se nos bastão eisemplos domesticos, temos o testemunho uniforme de viajantes instruidos. O citado Lavaysse observou este fato em muitas Fazendas nas Antilhas, e produz, como modelo, a de W. Young em S. Vicente, onde pelo zelo daquele humano e inteligente proprietario em poucos anos não só não precisou comprar novos escravos, senão que teve de sobejo para sua cultura.

do prejuizo com o eisemplo, e com um favor decidido para a classe agricola; atrahila com o interesse da agricultura, e trazela sempre cerrada entre o trabalho e o castigo infalivel da ociosidade. E por quanto é para as grandes Vilas e Cidades que se acolhe a mendicidade priguiçosa, e é na confusão d'elas que se ocultão familias miseraveis, mas orgulhosas, que se desprezão de ganhar o pão por seu trabalho; deveria a Policia dobrar a vigilancia n'essas grandes povoaçõis, e apertar de tal sorte essa classe de gente, que ela axasse comodo em retirar-se para o campo. Longe dos olhos da multidão o orgulho tem menos de quem se esconda, e a imperiosa necessidade de sustentar a vida forçará o homem livre ao trabalho. Isto se observa já pelo interior das Capitanias, e dando-se providencias adequadas, é de esperar que se propague por toda parte.

Talvez se acelerasse esta saudavel mudança com a distribuição gratuita de terras nas vizinhanças das Vilas e Cidades, e avanço de certa soma para principio de cultura, e privilegios ou premios ás familias que mais se distinguissem neste genero de trabalho. Estes meios positivos de fomentar a industria que se deseja estabelecer em um povo principiante e prejudicado, são de suma utilidade, mas talvez não agradem aos partidistas do antigo *Laissez faire* que aliás demanda eisplicação, e deve ser restricto a certas hipoteses, e sem duvida não quadra á de que tratamos. A esses descontentes pediremos que meditem, e nos lisonjeamos que mudarão d'opinião.

D'esta sorte o interesse dos beneficios da cultura e recompensas d'um lado, a severidade da Policia em perseguir os ociosos do outro, produzirão bons efeitos. O serviço militar de mar e terra, e o primeiro com preferencia, serão um

castigo eficacissimo para quem foje do trabalho. — *Contraria contrariis curantur.* — (1)

Não sería porem menos interessante diminuir quanto fosse possivel a população dos homens livres de cores misturadas, que inundão a sociedade, sem educação, sem ocupação, e e aliás habilidosos.

A facilidade com que entre nós se dão as liberdades, concorre, em grande parte, para o aumento desproporcionado d'esta classe. A grande maioridade d'elas parece provir do orgulho dos Senhores, que tendo filhos de concubinagem com escravas, não querem (costumão eles dizer) *deixar seu sangue na escravidão.* Passemos-lhes mũito embora este orgulho pelo que tem de humanidade, mas paguem a pena d'esse prazer ilicito; dotem esses filhos ou com bens de que vivão, ou com oficios que os salvem da mendicidade, porque o contrario é condenalos á ociosidade e ás tristes consequencias d'ela, no que o Estado sofre mũito.

Sería pois nossa opinião que nenhuma liberdade se désse sem o concurso da Autoridade publica, a qual fizesse segurar aos libertos a subsistencia por um dos dois modos indicados, obrigando tãobem os Patronos a pagarem ao Governo uma certa soma pela confirmação da liberdade, de que se daria um titulo autentico. Esta operação diminuindo perniciosas liberdades, diminuiria o numero de ociosos, em proveito do trabalho nacional, e até daria á Policia um meio seguro e facil

---

(1) A mendicidade que encobre tantos vadios, merece grandes e vigorosas providencias; eles sempre atrahirão a atenção dos nossos Legisladores. Casas de correção e de trabalho são muito de desejar, assim como alguns escritos tendentes a convencer almas pias do mal que fazem em eisercitar caridade com gente que a não merece, que é o mesmo que dar e alimentar vicios, e crimes.

de calcular o progresso d'esta classe interessante. As liberdades remuneratorias de serviços importantes feitos aos Senhores merecerião mais indulgencia e favor.

ARTIGO 3.° *Empregar os Indigenas.*

Outro grandissimo dano que nos causou o sistema do trabalho por escravos foi o despresarmos a civilisação dos Indigenas, a qual, sendo mũito da obrigação de Conquistadores Christãos, oferecia tantas e tão solidas ventajens. ¿ Que prosperidade não seria a nossa hoje, se em vez de inundarmos nosso belo territorio de barbaros Africanos escravos, que ja nos embaração, tivessemos sabido tirar partido de tantas geraçõis Americanas que desde a descoberra do Brasil tem vegetado na mais tenebrosa barbaridade, e desaparecido da superficie da terra ?

Digão-no os Mexicanos, cujo Imperio florescente, que prosperou como ás escondidas da Europa, marxava de passo rapido a hombrear com as grandes Naçõis civilisadas, quando arrebentou em seu seio o volcão revolucionario que hoje lhe dilacera e devora as entranhas.

A preciosa historia de sua grandeza e prosperidade com que o ilustre Barão de Humboldt presenteou os Sabios da Europa, nos espanta. Alí se vè uma florescente agricultura, e incriveis trabalhos em Minas metalicas feitos pelos Indigenas, como ja notámos em outra parte, e o numero de Africanos é quasi nenhum. Pelos calculos deste infatigavel Viajante a população Mexicana era, antes da revolução, de dois milhõis e meio de homens da raça Indigena, d'ũm milhão de Hespanhois Mexicanos, de 70 mil Europeus, e quasi nada de negros : ¡ Que quadro consolante !!.

Nós outros que fundámos nosso trabalho nos braços Africanos eisclusivamente, cujo numero não podemos aumentar sem grande risco, titubeamos hoje em busca de remedio para este mal; e somos como obrigados a desandar o caminho que fizemos inconsideradamente para uma prosperidade aparente e enganadora.

As ventajens da civilisação dos Indios não escapárão ao òlho vigilante do Senhor Rei D. José I. de gloriosa e saudosissima Memoria, que para ela fez esforços, e deu mũitas e mũi sabias providencias; no estado porem em que as coisas se axavão, era preciso que o Ministerio fizesse tudo, e, alèm dos inconvenientes da distancia, e poucos meios de comunicação entre Portugal e o Brasil, sabemos que ele fòra distrahido pelos gravissimos negocios, que n'aquele tempestuosissimo Reinado se forão encadeando e sucedendo, como de proposito para acrisolar a Magnanimidade e Constancia do Grande Monarca, e realçar a sabedoria, e rara fortaleza do seu habil e fiel Ministro.

Não tiverão o desejado sucesso as vistas do Sabio Legislador, e com tudo conseguiu-se ainda mũito, porque veem-se em todas as Capitanias, principalmente na do Grão-Pará, mũitas familias Indigenas aproveitadas, mũitas Vilas em que elas se axão reunidas, ocupando-se na agricultura, e fornecendo braços ao Real Serviço e ao de proprietarios particulares.

Concorreu para a pouca felicidade dos estabelecimentos Indianos 1.° a ignorancia e deleixo dos Governadores e Ministros que d'eles forão encarregados, os quais nem souberão escolher as posiçõis importantes para as fundaçõis das Vilas; nem souberão dar a essas sociedades nascentes a saudavel impulsão de que precisavão para prosperar; o que demandá-

conhecimentos e um zelo decidido. Na fundação das Vilas não buscárão senão um local ameno e fertil, como se crear uma Vila consiste somente em levantar um pilourinho em um lugar fertil e ameno. Para Diretores dos Indigenas forão escolhidos homens sem educação nem probidade, que não vírão no emprego senão um meio de fazer fortuna com o trabalho dos dirijidos. Tudo quanto avançamos é confirmado pela eisperiencia.

O Legislador viu bem que, sendo o fim principal do avilamento dos Indigenas o habitualos á agricultura, e desacostumalos da tendencia para a vida errante fazendo-lhes agradaveis os comodos da sociedade civil, era necessario que essas Vilas fossem fundadas a tal distancia das povoaçóis de brancos, que os produtos do trabalho das primeiras axassem consumidores nas segundas, e recebessem em troca os produtos da industria d'estas, para que com esta comunicação de interesses se introduzisse a civilisação. Assim pois o ordenou, mas não se eisecutou, e por isso ha mũitas Vilas que se devem eistinguir, reũnindo as familias em outras.

2.° O serem as Vilas compostas eisclusivamente de Indios. Sabe todo mundo que o metodo mais facil de ensinar é com a pratica a par da teoria; e que a emulação, que esporeia os homens a distinguirem-se entre seus similhantes, nunca os eiscita tão ventajosamente como com o eisemplo á vista. Amalgamar pois os Indigenas com Portuguezes bem escolhidos seria o meio eficaz de ensinalos a trabalhar, e a fazelo com mais proveito; até mesmo porque este era o meio mais natural e suave de ir apagando a linha de divisão que separa as duas castas, que tem pessimas consequencias, bem previstas pelo Legislador. Os Diretores porem afetando um zelo hipocrita

pela segurança e tranquilidade dos Indigenas, procurárão afastar quanto puderão os brancos que pretendião estabelecer-se nos Distritos das Vilas, não querendo talvez testemunhas oculares de seu mau procedimento.

3.° A tutela perpetua em que são conservados os Indigenas. Tutelar os Selvagens que entrão em contacto com o povo civilisado, é uma ideia mestra; mas era preciso saber ir adelgaçando o rigor da tutela á proporção da capacidade dos tutelados, porque o espirito quer espaço para se desinvolver, e liberdade para combinar; sopeado, apouquentado, perde a energia, embota-se. E este é outro eiscesso dos Diretores, que não só tratão os Indigenas como tutelados, senão como escravos toda a vida.

4.° O despotismo dos Governadores dispondo dos Indigenas em favor de proprietarios particulares, que ou por falta de escravos, ou por não arriscarem os que tem a certos trabalhos perigosos, pedem grande numero de Indios, que obtem por preços mũito modicos. D'onde resulta que os Indigenas arrancados a suas lavoiras começadas, perdem-nas absolutamente sem indemnisação, e não lhes bastando para a sustentação anual o salario que dos particulares recebèrão, caem em miseria, roubão, desertão, e cometem crimes, inseparaveis da ociosidade indigente. Verdade é que a Lei permite a distribuição de Indios pelos proprietarios particulares, mas ela se intende a respeito dos Selvagens que se forem conquistando, e não das familias já estabelecidas, aviladas e ocupadas na lavoira.

5.° A ignorancia e má fé dos mesmos Diretores, os quais, alem de não terem as luzes necessarias para um emprego tão importante, inspirão e comunicão aos tutelados seus vicios

pessoais, são negligentes, e abusão do trabalho d'eles para sua propria utilidade.

6.° A falta d'uma Autoridade que vigiasse assidua e eficasmente sobre os Diretores, os quais sendo tirados da classe do povo que não tem educação nem principios, e a grandes distancias das Capitais, precisavão de correição. Os Governadores são sedentarios, e não visitão as Capitanias; os Ouvidores correm as Comarcas uma só vez cad'ano, e nada podem ver, quanto mais prover. D'esta sorte os Diretores, certos da impunidade, tiranisão á vontade os tutelados.

Em fim o Diretorio dado para governo d'eles, e confirmado pelo Alvará de 15 d'Agosto de 1758, nos parece, quasi todo, bem pensado, mas faltárão-lhe eisecutores.

A' vista do eisposto, se nos perguntassem como se remediaria este mal, responderiamos, que fazendo precisamente o contrario do que se tem praticado em cadaum dos artigos analisados, e modificando-os como parecesse justo.

Parecerá a mũita gente que os Indios que temos avilados, por isso que ja conhecem alguma coisa os comodos da sociedade civil, deverão gosar da plenitude dos direitos e prerogativas da liberdade social como os mais Cidadãos; todavia nós que os conhecemos e tratámos e governámos, somos d'opinião contraria. Não tendo sido educados como convinha, pois que não forão habituados a um trabalho regular, nem aprendèrão a tirar um partido facil da agricultura; se os deixarem a si sós, com a priguiça natural e hereditaria, que é para eles o sumo bem, e sem nenhuma ambição d'uma vida mais folgada e comoda, nada farão. Tivemos d'isto uma prova recente: milhares d'homens que alimentavão ja um trabalho consideravel debaixo de inspeção na Capitania do Pará, apenas soltos

d'ela, desaparecèrão inteiramente. Melhor fòra ter emendado os erros, e corrijido as injustiças d'essa inspeção. (1)

Conviria pois conservar-lhes uma Diretoría, porem com uma forma mais policial que tutelar, cujo fim seria manter os costumes, dirijir e atuar os trabalhos, evitar a vagabundagem, e, em suma, promover a eisecução das ordens e planos que se fizessem para o regulamento das povoaçõis.

Seria tãobem nossa opinião que se creassem Inspetores Gerais em cada Capitania com o encargo de vigiarem sobre as povoaçõis Indianas, visitalas e dirijilas, representando os abusos, pedindo e propondo os remedios adequados, intendendo-se para isso com os Capitãis Generais e Magistrados Maiores das Provincias. Nas Naçõis estrangeiras os projetos d'esta natureza são incumbidos a Sociedades de homens conhecidos por seu zelo e inteligencia; não sabemos se haverá entre nós proporçõis para isso; mas não desaprovamos o sistema, e talvez fosse coisa facil de organisar-se na famosa Capital de S. Salvador da Bahia, cujos habitantes tanto se distinguem no espirito do bem publico.

O titulo de Protetor dos Indios, (o qual importa uma curatela gratuita de gente miseravel) não póde deixar de ser mũito lisonjeiro para almas generosas; ele se ajuntaria ao de Inspetor Geral. O emprego pois de Inspetor Geral e Protetor dos Indios queremos persuadir-nos que seria ambicionado pelos homens mais abastados e mais ilustres das Capitanias Gerais. O negocio é grande, e merece uma mũito séria atenção.

---

(1) Em Cayena, por eisemplo, sob o regime dos Jesuitas contavão-se mais de 60 mil Indios, no ano de 1720; perdidos os Missionarios, ja em 1778, havia apenas 4 a 5 mil; atualmente nenhum.

Baste isto quanto aos Indigenas já estabelecidos e avilados.

Quanto aos Selvagens novamente conquistados, muda múito o horisonte, e dificilmente se podem dar, do gabinete, arbitrios seguros, porque eles dependerão sempre do conhecimento do local, e do carater e inclinaçõis de cadauma das Tribus que vivem espalhadas por esse imenso territorio como as feras, e em continuas guerras. Só a eisperiencia poderá sugerir os meios proprios de conduzir tais prosélitos, mas eisperiencia de gente instruida. Podemos asseverar que tudo quanto temos visto aconselhado em livros sobre a materia, nos não agrada, e ao menos não póde servir de regras gerais. Podem-se todavia aproveitar ideias do que disserão Mr. Depons (*Voyage à la terre ferme*) e Mr. Baudry des Lozières (*Voyage à la Louisiane*) entre outros múitos.

O que porèm não sofre duvida é que os Selvagens, em geral, são timidos, desconfiados e irreconciliaveis depois que perdem a confiança que tinhão nos seus diretores, e é por consequencia indispensavel tratalos com melindre. Pede tãobem a rasão que na civilisação deles não contrariemos subitamente suas inclinaçõis primitivas, antes procuremos dirijilas para o bem da sociedade. A Religião é indispensavel; seus efeitos, neste genero particularmente, tem sido sempre tão admiraveis, que nada mais era preciso para demonstrar sua origem divina; assim não tivessem sido malogrados, quasi por toda parte, seus copiosos frutos pelos Conquistadores da Africa, Asia e America, movidos de ambição e sordidos interesses!

Será porem necessario, com Selvagens, principiar pelo que tem a Religião de maravilhoso e encantador, tanto em

sua doutrina como no seu culto eisterior, antes de passar ao que ela tem de sublime; e quanto á pratica, não carregala de longos e minuciosos eisercicios, que só convem ás pessoas capazes de conhecer as ventajens espirituais que d'eles se recebem. Em uma palavra, o Selvagem é uma criança com forças d'homem feito; a marxa pois para governalo e instruilo é civilisalo é quasi a mesma.

Não é nossa opinião que se possão tirar grandes utilidades dos Selvagens adultos para o trabalho agricola, porque ainda que este se lhes facilite e proporcione, o gosto e habito da vida ambulante predominarão. Seria mais seguro alimentar seus gostos e habitos, buscando tirar d'eles o partido possivel; assim v. gr. os empregariamos na colheita dos muitos produtos naturais, proprios para o comercio e artes, espalhados pelos matos; assim, aproveitariamos a inclinação d'eles á caça e pesca, dando-lhes uma eistensão capaz de deixar proveitos; assim, empregariamos as Tribus habitantes das Costas e margens dos Rios navegaveis, na Marinha de Cabotagem e navegação d'esses rios; e em lugar de ir fazer estabelecimentos longinquos, principiariamos nossas Colonias pelas Tribus mais vizinhas.

O modo com que se devem aliciar e ganhar os Selvagens é negocio da primeira importancia. O coração estremece com a recordação do metodo pelo qual Governadores do Brasil, aliás não destituidos de juizo e humanidade, mandavão fazer esses xamados Descubertos; era verdadeiramente uma caçada de homens, de que se encarregavão militares ferozes, escoltados da mais baixa relé; matar é eisterminar erão as instrucçois. D'este modo de colonisar ja se vè que o resultado seria é diametralmente oposto ás vistas do Soberano.

Para este genero de emprezas pensamos nós que é perder tempo querer buscar outros Conquistadores que não sejão Eclesiasticos Seculares ou Regulares instruidos e virtuosos. « O ár doce e santo, a intrepidez e paciencia d'um Sacerdote » bem convencido das verdades da Religião, diz Mr. des » Lozières, inspirão muito maior respeito ao Selvagem, e o » penetrão mũito mais do que o tom ameaçador, e os raios » d'uma tropa guerreira. Semelhante á gota d'agua, que » penetra o roxedo, a unção do Religioso acaba por ganhar o » coração do Selvagem, e reconduzilo aos verdadeiros prin- » cipios da natureza, que só conhece quem tem uma Religião » ilustrada. Um Cenobita val mais que um eisercito contra » antropófagos. »

¿D'estas mesmas verdades não temos nós os mais irrefragaveis testemunhos nos nossos fastos gloriosos, que em nada cedem aos de nenhuma outra Nação Conquistadora? O caso é saber escolher esses Eclesiasticos, e sustentar ileso e puro o mesmo espirito de caridade Christã dos primeiros Fundadores, porque desgraçadamente de tudo se abusa, e tudo degenera nas mãos dos homens.

Sería pois nossa opinião que este fosse o metodo de atrahir os Selvagens, e que se organisasse um plano adequado a cadauma das Capitanias gerais. Os mesmos Francezes, ainda no calor revolucionario, convierão na conservação dos Conventos na Luïsiana, com vistas na civilisação dos Selvagens. Esta quartada servirá a desarmar da critica que por ventura nos iria preparando, a ouvir este conselho, algum espivitado em politica, que não estiver ainda escarmentado do nada que valem, para governar homens, as abstraçõis filosoficas.

Isto quanto aos Selvagens adultos. A nossa grande esperança deve fundar-se na educação da mocidade Selvagem, capaz de receber a direção que lhe quizermos dar.

A educação moral d'ela não passaria dos principios da Religião, ler, escrever e contar. Quanto ao mais, habitualā ao trabalho agricola seria o principal empenho. A agricultura tem encantos, e por isso, bem dirijida, e acompanhada da creação dos animais domesticos, não poderia deixar de agradar aos inocentes e robustos Colonos. A caça e a pesca entrarião por passatempo; a carreira, a luta, a dansa serião os divertimentos comuns, feitos com discrição.

As primeiras culturas serião feitas em comum até uma certa idade; passada a qual, cada individuo teria sua terra particular. A lavoira em comum, ao principio, tem a grande ventajem de habituar os Selvagens a um trabalho regular, vigiado e fomentado pela emulação; a separação porem, depois d'um certo tempo, é indispensavel para habitualos a este *meu* e *teu* que tanto agrada ao homem, e tantos beneficios tem feito á sociedade civil. Haveria cuidado de promover o casamento, fazendo tais disposiçõis, e acompanhando-o de tal ceremonial, que este estado importantissimo ganhasse aos olhos dos Candidatos a consideração e respeito que lhe são devidos.

Tais Colonias, bem policiadas, multiplicarião infinito, e darião braços á agricultura, á industria, e ao eisercito de mar e terra. A Capitanía do Grão Pará não tem hoje quasi outros Soldados senão os d'esta Casta; nós os conhecèmos e tratámos, e não vimos em que os das outras Castas se-lhes aventajassem. Pensamos mesmo que não se axarão melhores Soldados que eles para o genero de guerra propria do Brasil, e que o será

talvez por dilatados anos; do que tivemos prova decisiva na ocupação e administração da Guyana Franceza pelo Governo Portuguez.

Eisaqui o que lembra no gabinete, e o que póde caber em tão curtas paginas. Homens inteligentes e zelosos poderão fazer prodigios na pratica; é indispensavel buscalos, empregalos e recompensalos. Não se póde assás eisagerar quanto farião neste importante negocio Governadores e Capitãis Generais habeis, zelosos e desinteressados; sem isto, as melhores providencias se neutralisão, ou paralisão, em mãos estupidas, ou interesseiras.

A ideia de prometer honorificas recompensas aos ricos proprietarios que fundarem á sua custa Povoaçõis de Indios constantes d'um certo numero de familias, é eiscelente, e de certo produziria o desejado efeito, se esses ricaços, que mũito provavelmente desejão enobrecer-se, não axassem, como tem axado, meios mais faceis de xegar ás honras e prerogativas politicas do que esses, não só dispendiosos senão tãobem espinhosos, de conquistar e amansar Selvagens. ¿Que inesgotavel tesoiro não é o de remuneraçõis honorificas em poder d'uma Politica discreta!

Artigo 4.° *Atrahir Europeus.* No estado em que se axa a Europa; tantas familias arruinadas, tantos individuos desgraçados, tanta gente habil sem emprègo, e descontente; não nos seria dificil engrossar nossa população branca com os emigrados d'ela. Concorreria mũito para isto a ideia que alí ha da riqueza do Brasil, e a justa opinião que é mais facil adquirir fortuna em um paiz nascente do que em outros ja avançados em industria. Mas desgraçadamente não está ainda na Europa

destruido inteiramente o errado conceito que viajantes e Escritores ignorantes, e talvez prejudicados, espalhárão noutro tempo sobre nossas instituições e policia interna. O que nos não maravilha, observando que Geografos modernos, que tem vivido em tão intimo comercio com Portugal, lhe atribuem em suas obras usos os mais absurdos e que nunca eisistírão, como se falassem dos Polos gelados ou dos desertos interiores da Africa.

Felismente, depois da passagem da Còrte para o Brasil, já alguns Escritores modernos da Europa fazem justiça aos nossos esforços para a civilisação, e analisando as providencias que se tem dado e vão continuamente dando, começão a vingar-nos da injuria que se nos tem feito; e todavia não é ainda o que basta para xegar ás classes cujos individuos pretendemos atrahir.

Seria por tanto necessario fazer inserir nos jornais e gazetas mais acreditadas da Europa os progressos que fazemos e os que desejamos fazer, e a Real Proteção que obtem quantos vem enriquecer-nos com seus talentos e eisperiencia, declarando-se que nada mais d'eles se requer senão o que se requer nos paizes mais gabados de liberdade, que é, respeito ás Leis e costumes nacionais. (1)

Não somos d'opinião que se recebão como d'aluvião, e sem eisame, quantos individuos nos vierem procurar. Os Estados-Unidos do Norte, que para irem coherentes com os principios que proclamárão, abrírão em seu seio um como asilo

(1) Agora com a nova organisação politica que se vai pòr em pratica, e assegura aos estrangeiros a liberdade individual e o direito de propriedade, é provavel que a emigração da Europa nos enriqueça rapidamente.

a tudo quanto alí aborda que tenha fisionomia humana, gemem hoje com os males inseparaveis d'uma população imensa, heterogenea, cosmopolita, e devassa em costumes, que alí foi arremessada pela eisplosão revolucionaria Europeia. Mais d'uma vez se tem visto faltar ao Governo a força repressiva para punir eiscessos populares. A miseria em gente mal creada, de que são inundadas as Vilas maritimas, tem arrojado aos mares um semnumero de Piratas que insultão ao comercio de quasi todas as Naçõis, de sorte que o Atlantico vai rivalisar em piratería com o Mediterraneo, infestado pelos Moiros.

Como é nas Vilas maritimas que pára a grande maioridade dos recèm-xegados, notárão Viajantes instruidos que, ainda antes d'esta ultima aluvião de gente que lhes sobreveio em consequencia da quéda do Tirano da Europa, ja fazia um contraste espantoso o eistremo de corrução das ditas Vilas com a singeleza de costumes das povoaçõis interiores: tais são, entre outros, Brissot, Bonnet, o Principe de Talleyrand etc.

Renunciariamos pois ao rapido crescimento d'uma população corrompida, contentando-nos com um menos rapido, mas de homens escolhidos; e n'este genero, tudo quanto vem de meios não naturais (se nos podemos eisplicar assim) acarreta inconvenientes. Uma aluvião imensa de homens de todas as condiçõis, entrados como d'um golpe em qualquer paiz, não póde deixar de produzir efeitos desagradaveis.

Uma Policia habil, e vigilante póde mũito bem, sem ferros, sem carceres, joeirar a turba de emigrados. As grandes povoaçõis são o asilo a que eles se abrigão, e é facil seguilos em seu comportamento. A população do Brasil é mũito mal composta, como ja observámos, para que seja indiferente admitir sem escòlha a relé vil, e educada em principios revo-

lucionarios, que a miseria afugenta da Europa. Reflita n'isto o Leitor, e convirá comnosco.

Isto quanto á admissão geral. Para o nosso proposito porem, que é xamar homens laboriosos ou para a industria, ou para a agricultura, todos os inconvenientes se podem evitar fazendo-se uma especie de convenção preliminar. Queremos estabelecer um certo genero de manufaturas e xamar para isso estrangeiros; nada mais simples do que anunciar na Europa isso mesmo, designando os lugares, as condiçõis, os avanços e mais particularidades etc., e estamos seguros que os aceitantes são homens de prestimo e trabalhadores. Queremos estabelecer Colonias agricolas; designa-se o terreno, fixa-se a eistensão das concessõis com atenção á natureza do terreno e das culturas; declarão-se as condiçõis, e anuncia-se tudo d'um modo claro e preciso, e ja sabemos que os individuos que se oferecerem, são trabalhadores, e não vagabundos e vadíos. (1)

No estado atual de nossas luzes, e do afinco dos habitantes ao sistema de trabalho por escravos Africanos, dar o eisemplo da possibilidade de empregar braços Europeus na agricultura, e demonstrar praticamente os frutos do novo sistema, é uma

(1) Aproveitamos esta ocasião para tocar na materia da divisão das terras, que parecendo coisa indiferente, pelo que observamos, a pessoas aliás instruidas, é ao contrario de grande importancia. Sabemos que a divisão em piqueno pareceu aos antigos Autores de Economia agraria mais conveniente ao aumento da população, e aperfeiçoamento da agricultura. Sabemos tãobem que Agronomos incansaveis, entre os quais tem distinto lugar Arthur Young, levárão suas eisperiencias a ponto, que homens de criterio puderão demonstrar o contrario, e a primeira opinião decaiu. ¿Mas qual será a proporção que se deve fixar entre divisão em grande e divisão em piqueno? ¿E a que se póde dizer grande na Europa, sèlo-ha no Brasil? ¿E a que se intender grande em tal genero de terreno, sèlo-ha em todos os mais? Sem decidir estas questõis não se póde fazer boa Legislação na materia; e a que temos merece ser refundida.

bela politica, muito digna d'um Governo paternal e ilustrado. Todavía, geralmente falando, intendemos que, n'este genero, assim como em quasi tudo quanto é de interesse nacional, val mais deixar obrar o interesse particular, contentando-se o Governo em protejer e animar, facilitando os meios e recompensando o zelo.

¿ E porque não faremos nós o que se praticou nas Antilhas, e mesmo nos Estados-Unidos do Norte? Ajustavão-se na Europa trabalhadores a quem se fazião avanços para seu transporte e mais necessario, os quais vinhão trabalhar por um certo numero de anos convencionado em terras de particulares, facilitando o Governo o transporte d'eles com obrigar os navios mercantes a receberem segundo sua capacidade os que pudessem. Estes obrigados (*engagés*) findo seu tempo, erão outros tantos Cidadãos que se ganhavão, procurando estabelecer-se no paiz. ¿ Não seria um genero de protejer este sistema de introdução de estrangeiros o conceder privilegios aos proprietarios que n'ele se distinguissem? Figura-se-nos que o Governo Britanico até daria premios pecuniarios; que é com que anima as emprezas comerciais, e de que tem tirado grandes ventajens.

Observámos que mũitos Senhores de Engenho da Paraïba do Norte e mesmo de Paranambuco admitem o que eles xamão lavradores; os quais são homens pobres, que não tendo meios para fazerem cultura independente, se oferecem a plantar cana nas terras vizinhas e proprias dos Engenhos, e n'eles a moem, deixando aos Senhorios uma certa porção convencionada do produto d'ela. Mũitos d'estes lavradores não tem outro aucilio senão o de seus braços e de seus filhos; agregão-se aos Senhores de Engenho, afeiçoão-se ás terras que cultivão, e n'elas fazem seus estabelecimentos que passão a

descendentes, e todos vivem como á sombra da proteção dos proprietarios.

Pareceu-nos digno de proteção este sistema, como um meio de ir substituindo braços livres aos dos escravos, e de ir dando uma ideia ventajosa da divisão do trabalho, á qual a riqueza das Naçõis modernas deve tão assinalados serviços; e o meio de protejelo talvez fosse estender aos lavradores os privilegios que tem os Senhores de Engenho, no em que lhes fossem aplicaveis, e dar-lhes outros de que tirassem ventajens reais, como v. gr. o da isenção do recrutamento militar para os filhos que os ajudassem na lavoira.

Os Engenhos d'assucar nas Capitanías que visitámos, são fabricas imensas e complicadas; os proprietarios fazem de agricultores, fabricantes e comerciantes: plantão, manipulão e conduzem aos mercados. Ja se vè que para acudir a estas grandes operaçõis é preciso grande numero de escravos, mas não seria assim, se elas fossem distribuidas por diferentes mãos. Por esta rasão é que o levantamento e fundação d'um Engenho demanda capitais que pouca gente póde desembolsar; e d'aqui nasce que tantos emprehendedores d'este genero de industria se tenhão arruinado, para o que bastão simples acidentes naturais. ¿ Não seria pois mais prudente dividir os riscos, e contentar-se com menores beneficios e mais seguros? A mortalidade dos escravos é um dos mais terriveis acidentes, e desgraçadamente mũito comum. ¿ Não seria pois util fomentar a divisão do trabalho n'este mesmo ramo de industria agricola? D'esta sorte umas familias plantarião, outras manipularião, outras conduzirião; e o trabalho assim dividido seria facilmente feito por braços livres, e alimentaria mũitos trabalhadores uteis.

Remataremos este artigo observando que nos parece ilusão o pretender tratar da abolição da introdução dos Africanos só quando a nossa população branca tiver xegado ao ponto de serem eles escusados, como pensa muita gente. Em um ou outro lugar do nosso imenso territorio poder-se-ha conseguir, em ponto piqueno, a mistura de trabalhadores brancos livres e negros escravos; na grande maioridade ela sofrerá sempre grandes embaraços. ¿ E essa mistura e igualamento de condição entre as duas cores, será sem inconvenientes politicos? ¿ E quando a população branca xegar a ponto de fazer desnecessaria a introdução dos Africanos, a que prodigioso numero terão ja estes xegado? ¿ E que faremos então d'eles, e ja mais adiantados em ideias, e falando em direitos do homem? ¿ Restituilos á Africa, como lembrou a alguns Filantropos Americanos? ¿ Dar-lhes a liberdade, como lembrou a outros? ¿ Conservalos em escravidão menos apertada? De todos os lados se nos antojão abismos, uma vez que seja preciso transijir com tal classe de gente. Parece pois que a habilidade politica está em ir fazendo desaparecer a população de escravos gradualmente, e á proporção que for aumentando a de homens livres.

§. 7.°

¿ O trabalho agricola do Brasil será incompativel com a força fisica dos trabalhadores Europeus? ¿ A agricultura com escravos será mais lucrosa?

A Ordem do discurso parece xamar-nos a resolver estas duas questõis. O fundamento donde partimos para estabelecer

a necessidade de abolír a introdução dos Africanos, nos dispensaria d'esta tarefa, porque, se a abolição é necessaria á segurança e prosperidade do Estado, como nos lisonjeamos de haver demonstrado, todas as outras consideraçõis são subordinadas a esse primeiro principio; cessa a liberdade da opção, e não resta outro nenhum partido discreto senão o da resignação. Intendendo porem que destruir um prejuizo é facilitar o recebimento das ideias que lhe são contrarias, fazemos aos ditos respeitos algumas refleçõis.

Quanto ao 1.° Acredita-se geralmente que os trabalhadores Europeus não são capazes d'aguentar o trabalho agricola no Brasil. Não vemos porem outras rasõis produzidas senão a do grande calor do clima que enfraquece e eistenua as constituiçõis, e a rudeza dos trabalhos; rasõis que supomos eisageradas, e acreditadas sem eisame. Quanto ao calor eiscessivo, é manifesto que tal se não poderá aplicar ás Capitanias do Sul até Paranambuco, porque de comum opinião e testemunho de quem as tem visto, o clima é d'uma constante primavera; o frio que é mais intenso na Capitania Geral do Rio Grande, e todavia mũito suportavel, vai gradualmente passando a mais calor até Paranambuco, onde forma uma temperatura deliciosa. ¿ Que resta pois de territorio para ser considerado de calor insuportavel pelos Europeus? Maranhão e Pará, como Capitanias mais vizinhas á Equinoxial: e ja se vè quam debilitada fica essa proposição vaga da suma intensidade do calor do Brasil, reduzida unicamente ás duas Capitanias. Sustentamos todavia que o calor n'elas é mais suportavel que em Portugal; e sem produzir autoridades de Geografos, lembraremos que os dias nas ditas Capitanías são quasi iguais ás noites; que ha na atmosfera uma humidade habitual; e que

reina uma brisa constante de Léste a Oéste que acompanha o movimento da terra, a qual tempéra deliciosamente os ardores do Sol, mesmo no momento em que ele fere a terra mais perpendicularmente. D'isto parece uma prova tãobem irrefragavel a constante verdura que vestem campos e montes.

Em todo o Brasil, mesmo sobre a Equinoxial, as manhãs são frescas, e as noites até frias, e contra as quais é preciso tomar cautelas; o calor no Estío em Portugal não tem lenitivo, porque lhe faltão as causas modificantes apontadas. Que se quizermos julgar da impressão do calor pelos gráus da latitude, nada de mais falivel e enganador, como sabe todo mundo.

Agora se se intende falar dos maus efeitos do calor, não por sua intensidade, mas por sua diuturnidade, pretendendo concluir que os corpos sem o repouso do inverno (se nos podemos eisplicar assim) perdem mũito de sua substancia e se eistenuão; a questão muda de face. Parece-nos todavia que podemos sustentar, sem absurdo em higiene, que esse mesmo diuturno calor habitual, com as modificaçõis que lhe conhecemos, não é mais prejudicial á saúde, em geral; porque a rasão e eisperiencia tem provado que a monotonia dos climas é mais favoravel ao corpo humano que a vicissitude de estaçõis variadas e opostas. Nenhum caquetico presuma que melhorará saindo do banho morno da atmosfera da Bahia, Paranambuco e mesmo Maranhão e Pará para os climas frios da Europa, ainda nas partes mais ocidentais d'ela: é tentativa que tem custado carissimo aos Europeus, e habitantes das Colonias das Antilhas.

Póde ser que a constituição fisica dos homens Brasileiros não seja tão robusta como a dos Europeus, o que não vimos

ainda demonstrado, nem o será talvez nunca; mas se a monotonia dos climas é mais favoravel ao corpo humano, e conserva por consequencia uma saude mais igual; perguntariamos nós qual será preferivel, se uma saude mais igual em corpo menos robusto, se molestias mais frequentes em corpo mais robusto. Em fim a eisperiencia termina a questão, mostrando que os Europeus dados á cultura no Brasil se conservão vigorosos, e vivem longa vida. E' preciso dar o desconto dos efeitos da mudança do clima, que por toda parte altera a saude dos recèm-xegados, ainda que venhão para mais saudaveis paizes.

Sem duvida mũitos dos nossos Leitores terião ocasião de observar a laboriosa e fatigada vida dos trabalhadores em Portugal. No verão os vimos nós sob um Sol fervente, eistenuados de fadiga, mal comidos, mal vestidos, caírem sem sentidos com a força do calor; no inverno tiritando de frio, debaixo de xuva e neve, cuidando em suas lavoiras. ¿ E serão estes os homens que sucumbirão ao trabalho d'uma cultura facil em climas temperados? Não o cremos.

« Por mais penosos que sejão os trabalhos que eisija a sociedade, diz Mr. de Montesquieu, parece-me que tudo se póde fazer com braços livres. — Antes que o Christianismo abolisse a servidão civil, o trabalho das Minas parecia eisclusivamente proprio para escravos e criminosos; hoje sabe-se que os homens empregados n'eles vivem felizes. *Esprit des Loix* t.° 2.° liv. 15. cap. 8.° » (1) Ora, o trabalho das Minas na Europa é infinitamente mais violento que o de plantar cana

---

(1) Mr. de Humboldt ja citado nos refere o forte trabalho que fazem os Indios nas Minas Mexicanas.

d'assucar, café, algodão, cacau etc. em terras ferteis e amenas; e esta cultura cadavez se fará mais facil pelos novos metodos que a civilisação vai introduzindo.

Quanto ao 2.° ponto. A questão não é tão facil de decidir, como não são todas as em que a observação, e analise de fatos formão a base das demonstraçõis.

Smith, Turgot, Steuart, Herrenschwand, Bentham, e o moderno Bailleul, partindo dos principios morais que estimulão o homem livre para aumentar e aperfeiçoar o trabalho, os quais se não encontrão no coração dos escravos, concluem, com grande aparencia de rasão, que o trabalho será menor, e menos lucrativo em mãos d'estes. João Baptista Say pensa o contrario; atenua, quanto póde, a ação d'esses principios morais, e passa a buscar fundamento á sua opinião no calculo comparativo do custo dos escravos, da despeza que se faz para sustentalos, e do trabalho que se póde obter d'eles, com o que deve custar o mesmo trabalho feito por brancos assalariados; e supondo que a despeza com os escravos deve ser menor que a necessaria com homens livres, e que a força dominical é capaz de fazer trabalhar os escravos quanto nunca se obterá dos homens livres que não estão sujeitos á coação, conclue que o trabalho feito por estes nunca será tão lucrativo como o feito por aqueles.

Jeremias Bentham parece que ádivinhava o que havia de dizer n'esta materia Mr. Say, porque no t. 2. chap. 2. *de l'esclavage* responde vitoriosamente aos seus argumentos. A ele remetemos o Leitor curioso.

Notaremos em geral que os efeitos da força que Say eisagera tanto, são ventajosamente contrapesados pela negligencia, e má vontade habitual dos escravos em tudo quanto

fazem, principalmente logo que possão furtar-se á vigilancia dos que os dirijem e governão. Fazer o menos possivel, o pior possivel, no maior tempo possivel, é a marxa geral entre os escravos Africanos. A eisperiencia d'eles que nem Say, nem os Escritores que ele combate, nunca tiverão, é quem decíde terminantemente a questão. Fundados n'ela os habitantes das Colonias das Antilhas, tanto Francezes como Inglezes, e Holandezes, depois de varias tentativas, assentárão que o partido mais ventajoso era obrigar os escravos a um trabalho taxado, cujas ventajens não analisamos, pela eistensão a que seriamos obrigados. Estabelecer recompensas aos que se distinguirem, como temos visto aconselhado por alguns filantropos de gabinete, é tempo perdido, porque é do interesse do escravo não dar a conhecer a eistensão de sua capacidade, que póde vir a ser-lhe funesta. D'essa sorte, diz Bentham, se estabelece uma ambição inversa.

Quanto ao dizer Say que os escravos consomem menos que os homens livres, somos d'opinião que se engana, salvo se os Senhores não quizerem tratalos como devem. Os escravos, diz com rasão o mesmo Bentham, consomem mais, não pelo que eles gosão, senão pelo que disperdição, estragão e não economisão. ¿Que lhes importão interesses que não são seus? ¿Que lhes importa que o Senhor, que tratão como inimigo, perca e seja arruinado? O homem livre poupa, economisa, não disperdiça, e até sofre privaçõis para acumular um superfluo. Parece-nos que deve entrar tãobem em linha de conta que, para ter v. gr. cem escravos em trabalho, é preciso sustentar 130, porque os 30 devem ocupar os hospitaes: é o calculo feito pela eisperiencia em todas

as Colönias; e é despeza sem proveito com braços improdutivos. (1)

Concedamos porem mũito embora a Say que a força seja capaz de arrancar aos escravos maior soma de trabalho do que a que se póde obter dos homens livres; ele não prova (nem lhe seria facil) que essa força seja capaz de produzir uma perfeição maior nos produtos; porque o aperfeiçoamento depende da boa vontade do artifice, e esta não é do dominio da coação. Ora, os bons especuladores preferem menos trabalho bem feito a mais trabalho mal feito.

Seja o que fòr, o que não sofre duvida é que por toda parte os Agricultores Coloniais se queixão de pouca fortuna, alegando por motivo principal o alto preço dos escravos, a mortalidade e graves molestias a que eles são sujeitos, e outros acidentes semelhantes.

Mr. Ganilh, que não dogmatisa, mas analisa, e, na opinião do celebre Financeiro Sir Francis d'Ivernois, é a melhor cabeça que possue a França em Economia-politica, conformando-se com a opinião dos Autores citados, buscou nos fatos prova mais segura da verdade. Fez o calculo comparativo dos beneficios da cultura Europeia e Colonial da França, e axou que a segunda apenas eiscedia a primeira trez e meio por cento liquidos, ventajem que ele julga com rasão mũito diminuta proporcionalmente aos avanços que erão obrigados a fazer os

---

(1) Mr. de Humboldt prova mesmo que o trabalho por escravos é menos lucrativo, no seu *Ensaio Politico sobre o Mexico*. Não se póde deixar de citar a cada passo esta Obra imortal, que é uma Enciclopedia dos mais profundos e variados conhecimentos, e que espanta a quem sabe quanto custa adquirir ideias em um só ramo de Sciencias.

negociantes que n'isso especulavão. Ora, se isto acontecia a Francezes que agricultavão com tanta superioridade de ventajens sobre nós; temos rasão para concluir que a nossa sorte deve ser mũito mais inferior. (1)

Rematamos asseverando que vistos os imensos inconvenientes do trabalho por escravos, os mesmos proprietarios a ele habituados, não hesitarião em abandonalo, se lhes fosse facil axar outro meio de cultivar suas terras; ao menos esta é a linguagem dos que são obrigados a sofrer escravos, não em uma só Capitania senão em todas as que visitámos, e que tem algumas ideias.

---

(1) Mr. Ganilh refuta nomeadamente esta opinião de Mr. Say, e ataca injustamente a este de ideias não liberais, porque suposto que Mr. Say sustentá uma tal opinião, salvou-se da justa acusação que podião fazer-lhe, ajuntando a seguinte declaração. «*Il reste à savoir si l'avantage de procurer à quelques particuliers, déjà riches, dix-huit pour cent de leurs fonds de terre, suffit pour autoriser le plus infame commerce dont les hommes se soient avisés, celui de leurs semblables.*» Tom. 1.º liv. 1.º cap. 19. do seu *Trat. de Economia-politica.* Assim pois Mr. Say podia errar em calculo, mas não errou em moral.

O seu Tratado que não é senão a doutrina de Smith reduzida ao metodo e clareza que a este faltárão, emendada e refutada em alguns pontos, é sem duvida o que temos de mais completo na materia, e escrito até com elegancia e graça, e por isso citado geralmente na Europa. E todavia conserva alguns principios e opiniõis do mesmo Smith hoje refutados, de que provavelmente se retratará, como d'algumas opiniões suas ingennamente se retrata nas notas com que honrou a Obra de David Ricardo, a qual toda não val alguns Capitulos de Mr. Say.

§. 8.º

Que providencias se darão sobre nossas possessõis d'Africa?

QUando, com a pena na mão, encaramos no Continente Africano, o coração se dilata, a imaginação se inflama, e um tão vasto horizonte, como o mesmo Continente, se abre ante nossos olhos. ¿Que futuros destinos o esperão? ¿Será emfim xegada a época em que a humanidade tem de vingar seus foros usurpados pela mais cruel e horrivel barbaria? Assim o cremos.

A industria Europeia, bem como um fluido elastico que se dilata em todos os sentidos, não cabendo ja nos limites do mundo conhecido, rompe as barreiras, e vai buscar o homem por toda parte para o fazer feliz. A impulsão está dada, e não póde já retrogradar; a civilisação vai fazer a volta do globo; e a Nação Portugueza, que tem a gloria de haver estreado a do Continente Africano, onde conserva estabelecimentos consideraveis, não levantará mão da obra. O sangue dos gloriosos Progenitores, derramado alí com tanto heroismo, está clamando aos descuidados Netos que não inutilisem tão eistremados sacrificios. (1)

(1) Que saudade não inspira o tom com que fala da Africa o imortal Filinto Elisio:

Oh terras Africanas saüdosas!
Por vós chora inda a Patria. Vós o berço
Fostes dos seus Noronhas e Pachecos,
Em éras gloriosas.

Abolida que seja a eisportação dos Africanos, acaba o ramo principal que alimentava o comercio d'aquelas possessõis, e naturalmente os Capitalistas transportarão seus fundos a outros paizes, e as abandonarão. Em tal caso a miseria será completa, e talvez mesmo que o Governo não tenha meios de conservar alí uma Administração, porque o comercio dos generos selvagens do Continente, inda que fosse maior do que é atualmente, não é o que ha-de fazer a riqueza e prosperidade d'ele.

Não ha por tanto outra coisa a que nos tornemos senão a agricultura. O clima é bom em mũitos pontos; os braços formigão; resta sabelos aproveitar e empregar. Isto desejão

---

Alli c'o braço tinto em sangue Mouro
O Fidalgo mancebo as verdes palmas
Cortava ousado, para ornar na Patria
Os brazões não-manchados.
Alli tomou o ensino, tomou forças
O Valor, a Virtude, que os luzeiros
Foi derramar nas Indias, e deu brado
Nas Còrtes mal despertas. etc. etc.

. . . .

Aproveitamos esta ocasião para rendermos a este grande Portuguez um tributo publico de nossa admiração e respeito sem a taxa de lisonja, pois que ele terminou sua vida tão dolorosa como honrada. Suas desventuras bastarião para fazelo crédor de nosso respeito pela nobre constancia com que as suportou, e pelo invencivel amor da Patria que conservou até o ultimo suspiro. Esta mesma Patria deve-lhe uma Coròa Lirica, pois n'este genero de poesia é sem duvida o primeiro em Portugal, e dos primeiros na Europa, com a grande ventajem de possuir um èstro variadissimo. Sentimos cordialmente não podermos ajudar com informaçõis os habeis e eruditos Autores dos *Anais das Sciencias*, publicados em Paris, para a elevação do monumento historico que pretendem consagrar-lhe em seu interessante Periodico, porque nada sabemos de particulár do grande homem; e disso nos consolamos ajuntando este nosso piqueno brado ao pregão que eles vão transmitir á posteridade.

fazer Inglezes e Francezes, e isto faremos nós tãobem, forçados pelas circunstancias. Não daremos aqui um plano de cultura, e de colonisação, porque nem a natureza do discurso o permitiria, nem nós presumimos possuir o cabedal necessario para organisalo. Parece-nos com tudo que no caso de se adotarem estas ideias, duas condiçõis serião essenciais; 1.ª fexar estreitamente e sem nenhuma modificação os portos d'aquele Continente ao comercio estrangeiro: 2.ª fazer transportar os produtos da agricultura Africana diretamente aos nossos portos do Brasil. N'uma palavra considerar a Africa como verdadeira Colonia, e governala sob o mesmo regime. Uma navegação frequente entre estes dois territorios que se encarão, oferece um não sei que de grande e respeitoso, que impõe á imaginação: parece-nos um preludio dos Cruzeiros que deverão fazer, um dia, poderosas Esquadras Luso-Brasileiras para disputarem o passo a quem ousar insultarnos, nas planicies do Atlantico.

Tendo pois de estabelecer a agricultura nas nossas possessõis Africanas, e sendo necessario empregar os braços dos Selvagens, será indispensavel não deixar uma tal empreza ao arbitrio das Autoridades que ali governarem. Todas as tentativas feitas pelas outras Naçõis tem górado, porque os fundadores das Colonias, entusiasmados com ideias filantropicas eisageradas, tem querido principiar por onde deverião acabar.

¿ Reunir os individuos, doutrinalos, vestilos, sustentalos largamente, curalos em suas infermidades, não são ja beneficios preciosos para miseros Selvagens, sem asilo seguro, sem segurança pessoal, vitimas do barbaro alvedrio de seus Regulos, e em continua guerra de horrores e carniçaria humana? Por aqui pois é que se deve começar a grande obra da civili-

sação d'eles, e não tratalos como se fossem paisanos Europeus que se pretendessem reunir em Colonias.

Mr. Durand que administrou alguns anos o Senegal, faz prudentes e discretas refleções a este respeito na sua Obra intitulada *Voyage au Sénégal* que se póde consultar.

Remataremos com uma refleção do ja citado Mr. Dauxion Lavaysse, a qual sendo trivial quanto ao fundo, não deixa de ter sua originalidade. Depois de estabelecer que não se transforma n'um dia, n'um ano, em dez anos, uma população de escravos em uma população de Vassalos e Cidadãos, pois de um a outro estado vai um espaço imenso, acrescenta: « Que » a feudalidade, mas uma feudalidade fundada em Leis sabias » e humanas, é talvez o melhor e o mais seguro meio de » amoldar á civilisação o escravo Africano e o Selvagem apatico » e indolente dos paizes quentes da America. ¿ Nossos Avoen» gos (continúa ele) não passárão por este estado intermediario » para nos conduzirem ao estado de civilisação em que esta» mos? »

João Jacques ja tinha dito, com a sua eloquencia nervosa, que a liberdade é um alimento de bom suco, mas de forte digestão, e por isso só conveniente a estomagos bem sãos; e aconselhando no mesmo lugar aos Polacos como se deverião haver para libertarem seus servos, diz: « Antes de libertar os corpos, cuidai em libertar os espiritos. Sem este preliminar, contai de saír mal com a empreza. » (*Gouvernement de Pologne* Chap. 6.°) Ora, entre os servos Polacos e os barbaros Africanos, e Americanos vai um espaço imenso. *Medio tutissimus ibis.*

BRasileiros, meus amados Compatriotas: Ofereci-vos esta Obra e conheço que a oferta é piquena, mas vós deveis aceitala como penhor d'amizade; e tal qual é, só o meu grande entusiasmo pelo bem da nossa Patria podia obrigar-me a escrevela e copiala nos poucos intervalos que me deixavão os trabalhos de tres Tribunais em que era empregado. ¿ Mas quem poderia observar a sangue frio a soberba perspectiva que apresentava então nossa cara Patria? Ela vira realisado, e como por encantamento, aquilo que apenas coube na vasta e brilhante imaginação do judicioso Pombal, isto é, o Trono Lusitano transplantado para seu seio, e lançados os traços para levantar nele um poderoso Imperio para a Nação Portugueza, que soube cultivalo e defendelo de inimigos poderosos. Com tão poucos dias de elevação á dignidade de Reino, unido á sua gloriosa Metropole, ja o Brasil enviára Princezas para um dos primeiros Tronos da Europa, e a Augustissima Filha dos Cesares atravessára o Atlantico para vir dar sua Mão ao Principe Herdeiro da vasta Monarquia, Esperança e Delicias nossas.

Sofrestes na verdade grande perda (e quem o referirá sem lagrimas!) com o regresso d'ElRei, nosso Pai, para a Séde antiga do Trono de seus Gloriosos Maiores; mas se imperiosas consideraçõis de interesse geral da Monarquia o xamárão, uma respeitosa resignação da nossa parte é um dever sagrado: e se sua Patria saudosa reclamava sua Presença, ela tinha a prioridade da posse, ir enxugar suas lagrimas era de justiça rigorosa.

Mas nem por isso deveis desanimar, vossa prosperidade não póde ja retrogradar. O nosso Augusto Monarca, que viu, apalpou e meteu a mão no estado de coisas em que vos axais, e conhece bem vossas precisõis, de qualquer ponto da sua vasta Monarquia, difundirá, como Sol vivificante do corpo social, suas eficazes e sabias providencias. Alem disso a nova organisação politica que se vos destina, remediará todos os inconvenientes; porque xamados pela Representação Nacional a cooperardes para vossa felicidade, proporeis vós mesmos os planos e providencias para o bem de vossos Municipios. Vossas suplicas não serão, como outrora, papeis avulsos, sem recomendação, e sujeitos ao despotismo ou ignorancia de Ministros sem responsabilidade.

Meus olhos não poderão acompanhar por muito tempo vossa prosperidade crescente por ter depassado mais de dois terços da vida comum que vivemos, nem sei mesmo se o destino que me persegue permitirá que minhas cinzas sejão depositadas entre vós; e nesta triste consideração axa minha alma um saudoso desafogo em vos transmitir como em legado as seguintes reflecçõis, que alguns de vós me ouvistes em tempos mais afortunados para mim.

União, amados Compatriotas, união sincera com a Gloriosa Metropole que vos deu o sèr, que vos alimentou, vos educou e instruiu; que para fundar, povoar, policiar e enriquecer vossas Vilas e Cidades, e para vos arrumar no caminho da elevação, da grandeza e da gloria que vos espera, despovoou-se a si, consumiu fazenda, derramou suór, lagrimas e sangue, e tem por Leis Divinas e humanas um incontrastavel direito adquirido á vossa gratidão e respeito filial, assim como á participação de todas as vossas ventajens sociais. Se as Socie-

dades civis são um agregado de familias particulares, os direitos e deveres que ligão e rejem as familias são transcendentes ás mesmas Sociedades com a unica diferença da eistensão da esfera. Nem o Creador podia ser contraditorio; e nem ha verdadeira Politica senão fundada na Moral. Alem disto não são precisos telescopios para divisar que a America ha de influir nos destinos futuros da Europa, e que um ponto no Continente dela tão precioso como Portugal, que todos invejão, oferecerá ventajens inapreciaveis.

União, amados Compatriotas, união sincera com todas vossas Provincias. Vós sois o mesmo povo, com as mesmas Leis, costumes e habitos, ligados por sangue e interesses, e precisais de mutuos socorros. Separados podereis gosar d'alguns dos comodos sociais, mas só reunidos podereis xegar ao gráu de prosperidade, grandeza e força que vosso territorio e posição geografica vos designão e afianção. Passou a era dos Estados piquenos; todos tendem hoje a dimensõis colossais, a despeito de encanecidas teorias politicas d'alguns energumenos furiosos. Reparai como marxão os Anglo-Americanos a formarem um só corpo desde o Canadá até as Floridas, e das Costas do Atlantico até a Contra-Costa do Grande Oceano; e vós deveis fazer-lhes o contrapèzo na parte oposta do Continente.

Em fim xamai para vosso seio as Sciencias e Artes de Nacionais e Estrangeiros; elas tem tãobem seu comercio entre si, e amão a dilatar-se e comunicar-se; mas reparai que são mũito melindrosas e delicadas, querem-se muito ameigadas e afagadas: dai-lhes toda liberdade e proteção possiveis, aliás vos escaparão, e não voltarão.

FIM.